

Mona Gadelha
Jornalista e cantora

A jornada de uma heroína musical escrita com arranjos, harmonias e algumas doses de transgressão

Escrever um texto vivo é desafio habitual para qualquer profissional da palavra, a saber, escritores, publicitários, professores e jornalistas, para os quais a atividade é, ao mesmo tempo, fascínio e desafio. Quando a letra do compositor precisa, ser musicada, talvez, some-se aí um punhado extra de perseverança. Da terra fértil dos enigmas metafísicos que arrastam rimas e refrãos, brotou, ainda na infância, a poesia transgressora da cearense Simone Gadelha – ou simplesmente Mona.

Os olhos grudados nos jornais do avô e os ouvidos ligados nas transmissões radiofônicas foram alimentando na menina uma intelectualidade precoce e apurada, ensejo para gozações dos colegas mais arredios às letras. Ignorando-os e alimentando-se diariamente de palavra em palavra, tão logo a menina Simone tornou o espírito maior que a carne. Por isso, talvez, o corpo cresceu rápido: para acompanhar a vontade de pôr na voz as inquietudes da mente. E quis-lhe o talento, abraçado pela sorte, que cedo as cordas vocais se unissem às cordas dos violões e, tão logo, às melodias de um genuíno rock alencariniano.

Não faltaram mãos para impulsionar a jovem musa à apoteose dos palcos e dos estúdios, a uma mocidade repleta de cores, de sonhos e de sonoridades. O palco, tão austero e majestoso, resignou-se dominado por um solo belo e poderoso, por uma presença forte e ousada, que canta e encanta, chora e se assusta, ri e debocha, sopra no ouvido, roça o cangote e é bem capaz de matar com um beijo na boca.

Porém, conquistada a terra natal, nem as amarras afetuosas conseguiram segurar a menina-mulher – ou estaria ela transfigurada em mulher-menina? – pelos lados de cá. Até mesmo a mãe, Rita Alexandre Oliveira, baluarte máximo, guardou a prudência no bolso para ajudar a filha a montar uma

escada ao Olimpo. Mas Mona não se tornou olimpiana comum, às ordens dos arcanos superiores. Nunca foi de entrar nas ondas que não fossem aquelas do litoral de Fortaleza. Nunca se deixou ser enfeitada nem selada num disco, pelo contrário: soube avivar o próprio fluxo de arte, abundante, transbordante, que explode na garganta pela efervescência do coração.

E, como boa olimpiana que é, Mona usa como bússola a própria vontade e faz serenata para tantos outros bons nomes que se entregaram à arte antes dela. Na busca pelo primor de si, os olhos percorreram tantos rostos, as mãos dedilharam tantas noites e dias, os pés comeram tantas terras brasileiras e estrangeiras... Entretanto, as solas das sandálias sempre guardarão uma réstia da poeira lírica da Praia de Iracema, tal como a memória ecoará a sinfonia de uma Fortaleza cheia de forró, de rock, de blues e de mais uma miríade de espécimes musicais.

É da vontade de não pertencer a nenhum lugar e de pertencer a todos ao mesmo tempo que agora fala a mulher madura, desnudada dos ímpetos da juventude. É da vontade de garantir às próximas gerações de jovens sonhadores a oportunidade de ganhar o mundo que se converte em caçadora de novos talentos. É da vontade de ser ouvida e compreendida que soa uma voz forte, segura, autocrítica sem autocensura. É disposição que se doa e se entrega à música, como quem o faz ao amante de uma vida.

Mona é sol melancólico que nasce nos recônditos de um Olimpo independente e se ergue num crescendo de inquietação cálida, abrasadora, tórrida, borbulhante; que atinge o ponto mais alto do céu nos versos de letrista talentosa e nas notas afiadas de soprano-contralto formada por uma vida entre palcos, cuja luz nem o ocaso do fim de tarde na Ponte dos Ingleses será capaz de extinguir.

Equipe de Produção:
Caio Vitor
Diego Barbosa

Entrevistadores:
Aline Medeiros
Ana Rute Ramires
Caio Vitor
Carol Melo
Claryce Oliveira
Diego Barbosa
Julia Ionele
Kamylla Karen
Nicolas Paulino
Theyse Viana

Texto de abertura:
Nicolas Paulino

Fotografia:
Filipe Pereira



Entrevista com Mona Gadelha, dia 30 de abril de 2016.

Caio – Simone, como surgiu a Mona Gadelha em sua vida?

Mona – Mona Gadelha... (refletindo). Meu nome é Simone. É interessante porque, quando eu estudava no Colégio João Pontes (atualmente localizado no bairro Barra do Ceará), tinha um professor que toda vez na chamada ele falava: "Simone. Simone de Beauvoir" (importante escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política e teórica social nascida na França em 1908 e falecida em 1986. *A partir de agora, todos os nomes mencionados por Mona estarão referenciados ao final da entrevista). E eu falava: "Nossa, quem será essa mulher que esse cara me chama?" Mas eu achava bonito: "Simone de Beauvoir". E não foi por causa da Simone de Beauvoir que minha mãe me deu esse nome. Minha mãe (Rita Alexandre Gadelha, com 87 anos), uma mulher que foi funcionária pública a vida toda, nascida em Cajazeiras, na Paraíba, e migrou para o Ceará... Minha heroína, minha mãe, assim como a Simone de Beauvoir, se tornou minha heroína também.

Com 14 anos, eu participei do primeiro festival de rock do Ceará. Na verdade, chamado de "Primeiro Concerto de Rock do Ceará". E na organização desse concerto, feito por um programa de rádio, na época chamado Show do Grilo, na rádio Uirapuru (inaugurada em Fortaleza no dia 16 de junho de 1956 por José Pessoa de Araújo e Aécio de Borba de Vasconcelos), eu conheci vários compositores, músicos. Um deles acabou se tornando meu namorado, meu primeiro namorado, que é o Ricardo Augusto Rocha, grande compositor, músico... E o Ricardo começou a me chamar de Mona como apelido. Fez uma música que falava de uma Mona, de uma personagem chamada Mona. Depois eu vi que têm vários blues, acho que o Bo Diddley, pioneiro do rock, tem uma música chamada "Mona", e aí ficou.

Quando eu participei de um festival na Costa do Sol, na praia da Tabuba (praia localizada a 30km de Fortaleza, em Caucaia) – naquela época era muito comum ter festivais ao ar livre nas praias – participei com uma banda chamada Kaleidoscópio, que era uma banda formada por mim e pelo artista multimídia na época, o Siegbert Franklin. A

gente tinha essa banda e fomos participar do Festival da Costa do Sol. Lá eu conheci o Alceu Valença. Eu acabei "dando uma canja" (improvisar) participando do show dele, tudo no improvisado.

E na época ele perguntou meu nome, eu falei: "Simone". E ele perguntou: "Tem um apelido?" e eu falei: "Mona". E ele falou: "Você devia assinar Mona Gadelha, porque já tem a Simone, famosa, cantora e tal, você devia assinar Mona".

Achei bonita a sonoridade e ficou Mona Gadelha. Então, foi assim, um apelido e um toque de um artista famoso e acabou ficando Mona Gadelha até hoje. E muita gente me chama de Simone, eu tenho essa dupla identidade, "Simone, Mona". Na redação do jornal *O Povo* (jornal fortalezense, fundado em 1928, pertencente ao Grupo *O Povo de Comunicação*), onde eu trabalhava, era Simone Gadelha; quando eu ia pro palco era Mona Gadelha. É interessante isso, essa ambiguidade, essas personagens.

Nícolas – Existe algo que a Mona faz que talvez a Simone não faça?

Mona – Olha... Acho que a Mona é mais artista. A Simone é mais tímida, mais contida. No primeiro disco, eu tenho uma música chamada "Identidade secreta", porque eu sempre fui muito ligada na cultura de quadrinhos, super-heróis, eu era uma criança que tanto lia Fernando Pessoa como comprava revista do Super-Homem. E essa música fala de um personagem e talvez tenha a ver com a Simone falando pra Mona, no primeiro disco.

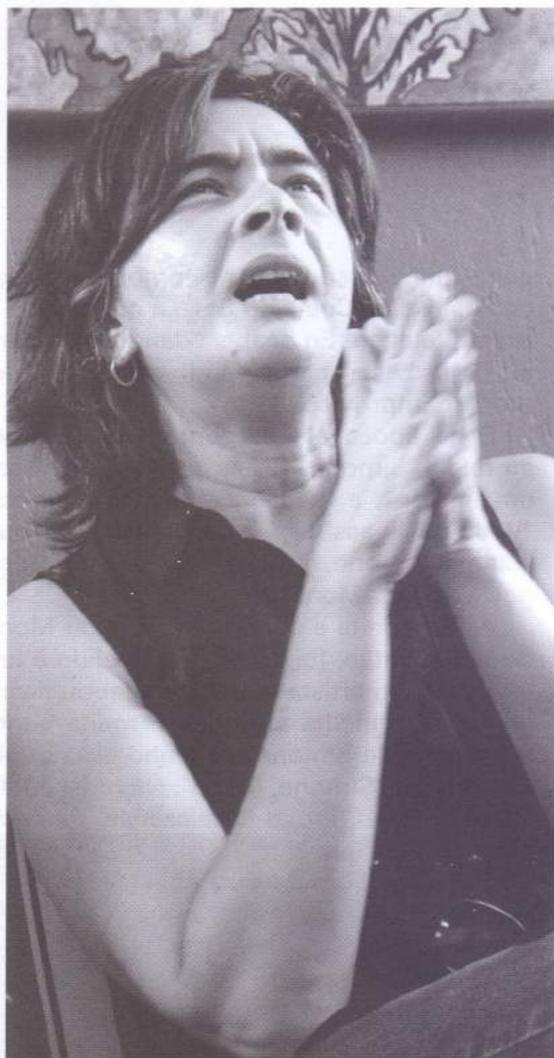
É uma letra que diz assim: "Nunca quis pagar o preço da fama / Nem vender minha alma ao diabo / Nem sentir a solidão das estrelas / Ficar sozinha ou mal acompanhada / Queria ser um personagem / Um personagem exposto às multidões / Nada mais que um personagem / Sem coragem pra dizer não".

Talvez você tenha acabado de me dar um grande *insight*, talvez isso seja a Simone falando da Mona e a Mona cantando. Quer dizer, no fundo a Simone sempre foi uma criança muito tímida, mas, quando eu ouvi rock pela primeira vez, quando eu ouvi Janis Joplin, quando eu ouvi Beatles, eu pensei: "Eu queria fazer isso aí, é isso que eu quero fazer".

Com ar de quem estava satisfeita por estar onde estava, Mona, momentos antes da captação da entrevista, disse que, "antes de mais nada", era um honra participar da *Revista Entrevista*.

O interesse em entrevistar Mona Gadelha partiu de Caio Vitor. Também músico, conheceu Mona pessoalmente no Porto Iracema das Artes e, ao saber do retorno dela ao ambiente acadêmico da UFC, teve o *insight*.

Já Diego se interessou em acompanhar Caio na equipe de produção quando soube que Mona cantava *rock* e *jazz*, dois dos gêneros musicais favoritos dele.



A Simone é mais a leitora. Eu lia sempre, era uma criança que lia muito, lia muito, eu lia mais do que brincava. Era até chamada de "intelectual", era superchato, "ah, lá vem a intelectual chata, que só lê, lê". As brincadeiras eram todas intelectualizadas, brincava de escrever, inventava coisas para escrever...

Claryce – Mona, você citou sua mãe, disse que ela era sua heroína.

Mona – Sim.

Claryce – Qual foi a influência dos seus pais na sua carreira artística? Desde o começo, quando você era criança ainda, até hoje?

Mona – Os meus pais se separaram muito cedo, eu tinha quatro anos quando minha mãe se separou do meu pai. Então, naquela época, como eu nasci em 1960, mais ou menos a separação foi em 1964 – incrível, um ano terrível! Então, a influência é muito maior da minha mãe, né? A minha mãe sempre gostou muito de música, de dançar, e eu ouvia muita música em casa, rádio, ouvia demais. E o rádio era desde às cinco da manhã, quando começavam os programas. Eu ouvia muito.

Eu acho que a influência da minha mãe foi muito tempo depois, depois que eu passei da fase do *rock*, do *blues*, porque depois que eu fui gostar mais das coisas que a minha mãe gostava, Martinho da Vila, o samba... O samba eu fui descobrir depois!



Para a pré-entrevista, Mona escolheu a panificadora Delitália, localizada no bairro Meireles, para se reunir com a equipe de produção. Segundo ela, o motivo de ser lá e não no apartamento dela era porque o prédio é muito quente.

Depois que eu fui ver: "Poxa, minha mãe já gostava de coisas muito legais que eu ainda não me ligava, porque o meu negócio na época era o *rock*, era o *blues*".

Meu avô, pai do meu pai – porque eu fui mais próxima do meu avô do que do meu pai –, depois da separação dos meus pais... Eu tive muito mais próxima dos meus tios, das minhas tias, dos meus irmãos, do que propriamente do meu pai. Então, eu lembro que meu avô tinha uma casa no bairro Benfica e eu gostava de comprar o jornal pra ele, o jornal *O Povo*. Eu ia cedo pra banca de jornal, comprava, e ficava lendo com ele e ele recitava versos, então eu acho que tem essa formação aí.

Diego – Falando propriamente desse comecinho. Na conversa anterior que Caio, você e eu tivemos, você mencionou que com sete anos já escrevia pequenas melodias, já compunha. Como é que se deu, então, esse seu primeiro contato com a música, pegando também essas influências da sua mãe, do seu avô...

Mona – Eu acho que vem do rádio. A *Jovem Guarda* (movimento cultural brasileiro surgido em meados da década de 1960, que mesclava música, comportamento e moda) estava começando a explodir no Brasil, então tinham os fã-clubes. O fã-clubes do Jerry Adriani versus o fã-clubes do Wanderley Cardoso. Eu já gostava mais do Roberto Carlos, das canções dele, e a *Tropicália* (movimento de ruptura que sacudiu o ambiente da música popular da cultura brasileira entre 1967 e 1968), tudo isso. E eu comecei a ler muito o texto do *rock*. O texto do *rock* me atraiu muito. Quando eu falo desse texto, eu tô falando das letras do Bob Dylan, das letras do John Lennon. Isso me atraía demais. Eu gostava muito de procurar traduções, de ler publicações onde eu pudesse encontrar traduções daquelas letras. Pelas letras do Bob Dylan, eu era completamente fascinada.

Nicolas – Uma curiosidade: como eram as letras de uma criança tão nova? Você lembra do que você escrevia, qual o teor dessas músicas?

Mona – Com sete anos eu fazia até uns caderninhos. Eu recortava, pegava uma folha de papel, fazia um desenhinho, uma capa, grampeava, fazia uns jornaizinhos, "jornais da rua", ainda tenho isso na minha casa em São Paulo, tenho guardado alguns. E as letras eram assim um sofrimento (*esticando a entonação da penúltima sílaba*), uma criança que sofria demais. Ouvia Ataufo Alves (*cantorola trecho de uma música de Ataufo*), ouvia Maysa... Uma criança que curti Maysa! Então, eu já era uma "véia" (*risos*).

Aline – O que teus pais pensavam sobre

essa veia artística e musical, já que aos sete anos você já estava compondo? O que eles achavam disso?

Mona – Ah, minha mãe achava lindo, né? Adorava. Mas, depois, na adolescência, houve aquela preocupação de sempre ter o cuidado de estudar e tudo. Eu era muito estudiosa, a primeira da classe. Muito estudiosa no Ginásio – a gente chamava de Ginásio e Científico. No Ginásio, eu era a primeira da classe, no Científico... Eu chutei o pau da barraca (*risos*).

No Científico, eu entrei no Colégio Cearense (*Colégio Cearense do Sagrado Coração, fundado em 1913, em Fortaleza, mas não funciona mais*) e você tinha uma estrutura pra fazer arte. A gente tinha auditório, teatro, tinha muito incentivo às artes no Colégio Cearense. Eu enveredei por isso aí. Quando eu vi aquele teatro, eu falei: "Puxa, é aqui mesmo". E os irmãos Marista deram essa liberdade pra fazer arte.

Nessa época eu fui muito mal nas Ciências Exatas todas. Eu fui muito mal porque o meu negócio era ler, era escrever... Então, era uma ótima aluna de Literatura, mas péssima aluna de Matemática. E fui em frente, fui levando.

Caio – Nós nos identificamos. (*risos*)

Caio – Mona, na pré-entrevista você nos contou que a sua adolescência foi no bairro Benfica. Qual a importância do bairro na sua iniciação artística?

Mona – Ah, maravilhosa! Porque perto tinha toda uma turma, coincidentemente no Benfica, e ali mais perto do Centro, porque a (*Rua*) Senador Pompeu é uma rua imensa, né? Era onde eu morava. Eu morava quase chegando na (*Avenida*) Treze de Maio, umas três longas quadras da Treze de Maio, até o Centro. Então, eu ia para o colégio a pé, eu andava muito a pé. Fortaleza era uma cidade boa para andar a pé, muito. Eu ia para o colégio a pé.

Era maravilhoso! Eu saía da Senador Pompeu e ia até o Colégio Cearense. E nesse caminho eu encontrava vários amigos que já faziam música. Isso foi muito legal! Então, tem essa influência das redondezas, porque tinham muitos artistas que moravam na região. Tinha o próprio Siegbert Franklin, que morava na (*Rua*) Barão do Rio Branco; o Floriano Martins, na Rua Assunção; o Lúcio Ricardo, na Rua Assunção... Todo mundo morava muito perto. O Nirton Venâncio, cineasta e poeta, morava, se não me engano, na (*Rua*) Solón Pinheiro; Era muito interessante essa confluência de vários artistas nessa região.

E o Benfica com a universidade, a Sca-la Publicidade, uma agência incrível que

A artista deu de presente alguns CDs da própria discografia à equipe de produção. Algumas faixas, como "James Dean" e "Cor de Sonho", foram executadas em sala durante a reunião de pauta.

Durante a pré-entrevista, a conversa foi dificultada pelo excesso de barulho na mesa ao lado onde Mona, Caio e Diego estavam sentados. Os três tiveram que trocar de mesa para o diálogo ser mais compreensível.

Todos os contatos que a equipe de produção realizou com Mona por telefone ou presencialmente foram facilitados pela gentileza da cantora, que sempre atendeu à dupla de forma bastante gentil e solícita.

marcou época, que foi muito ousada, muito pioneira em campanhas publicitárias, uma agência que investia muito em criação, dava muita liberdade de criação.

Dava pra circular a pé por tudo isso, a Senador Pompeu, a Avenida da Universidade... Era muito legal poder andar a pé. A cidade não era tão perigosa assim como é hoje. Podia realmente circular e andar a pé.

É por isso que o meu disco, o último disco que eu fiz, se chama *Cidade Blues Rock nas Ruas*, porque eu me lembro muito da gente ir pros shows a pé. O Teatro da Emcetur (*atualmente é o Teatro Carlos Câmara*) a gente ia a pé, a gente não tinha grana, não tinha carro. Um grupo de gente a pé... (*risos*).

Julia – Até hoje o Benfica é um bairro bem vivo, né? Tem essa vivacidade que a gente sente às vezes mesmo não morando no entorno.

Mona – Tem.

Julia – Você ainda tem uma ligação muito forte com o bairro?

Mona – Demais, demais! O Benfica tem toda uma memória afetiva, têm os anos que eu passei na faculdade, que foram anos maravilhosos, o tempo que eu passei na Scala, eu estudei também dois anos de alemão no Centro de Humanidades. Eu frequentava muito ali o bosque da universidade (*espaço pertencente ao Centro de Humanidades I da Universidade Federal do Ceará*), se reunia com o pessoal (*hoje é o Bosque Moreira Campos*).

Aliás, quando eu fui me inscrever no festival de rock (*ao qual ela se referiu no começo da entrevista*) eu já passeava ali pelo bosque e cheguei lá pra turma dos rockeiros e eles disseram: “Ah, e você faz o quê?” E eu: “Ah, eu vou muito ao bosque”. Eles achavam que eu fumava muita maconha, que eu era a maior maconheira (*risos*) e eu não tinha nenhuma relação. Por uma questão de gosto mesmo, de ser jovem e tudo...

Engraçado que aquele negócio de quem frequentava o bosque parecia que era um passe livre. Era a única mulher do grupo chegando com aquele monte de cabeludo – todos usavam cabelos longos – e para me inscrever no festival de rock sem ter música, sem ter nada, queria ir de qualquer forma, e

acabei conhecendo várias pessoas.

Diego – Mona, foi a partir daí que começou a “Turma do Rock”?

Mona – Foi.

Diego – Como é que foi isso, quanto barulho vocês fizeram na época?

Mona – A gente ficava procurando espaço pra tocar. A gente trocava muita informação de discos. Eu lembro quando a gente começou a ouvir *punk rock*. Como todo adolescente que gosta de copiar, a gente ia numa loja do Centro e comprava um monte de broche, de alfinete, e compramos umas calças largas, costumamos tudo com alfinete e saímos às ruas. Aquilo era um escândalo (*risos*), mas era um prazer enorme ser transgressor naquela época, sabe? Era um sofrimento pros pais, uma confusão danada, mas a gente era bem transgressor *praquela* época.

E, tocando, era muito eu e o Perfume Azul, um grupo liderado pelo Lúcio Ricardo, que era muito transgressor também. O Lúcio ele já vinha com aquela proposta andrógina, de cantar de bustiê, cantar com aqueles casaquinhos que nem o Robert Plant, do Led Zeppelin. Era um verdadeiro escândalo na cidade tudo isso!

Mas a gente enfrentava esse preconceito com um público muito bacana, porque a gente tinha um público de jovens que adorava os shows da gente e tal, todo mundo dançava... Então, tinha esse contraponto aí. Nós não estávamos sozinhos. A gente tinha um público muito legal que nos acompanhava, que era a turma toda de jovens, como vocês, na época (*risos*).

Nícolas – Você também tocava algum instrumento nessa época?

Mona – Não. Eu ganhei um violão de presente do Ricardo Augusto, que era meu namorado, meu primeiro namorado, meu parceiro. Na verdade, eu e o Ricardo a gente fez nossa primeira música juntos – incrível! – depois que a gente se reencontrou pelo facebook. É muito incrível isso! Porque eu fui embora para São Paulo e a gente de vez em quando escrevia uma carta, se falava e tudo, mas no facebook a gente se reencontrou, começou a trocar ideias e pensamos: “Nossa, mas a gente nunca fez uma música

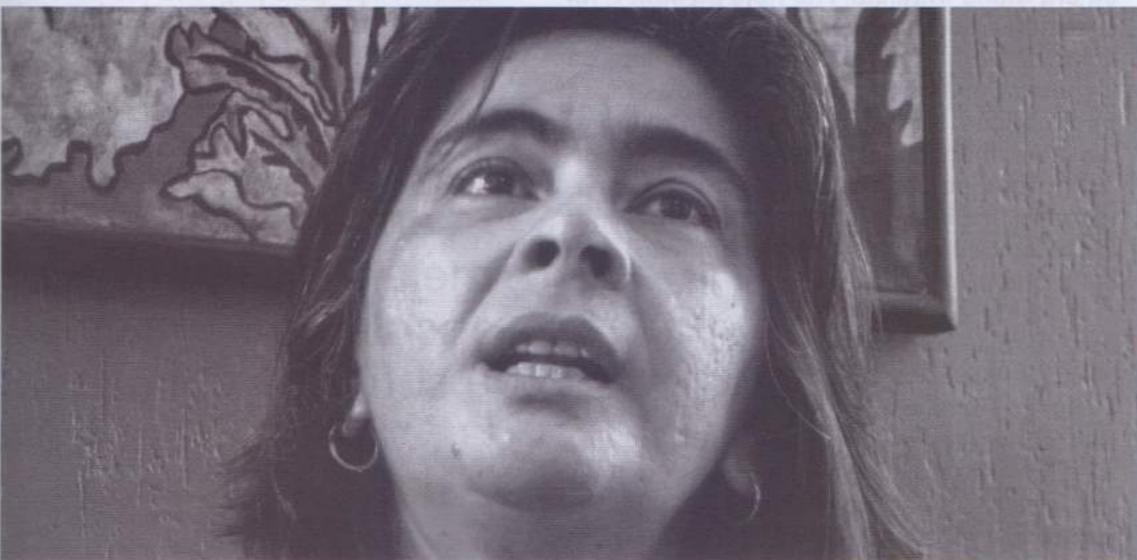
“O texto do *rock* me atraiu muito. Quando eu falo desse texto, eu tô falando das letras do Bob Dylan, das letras do John Lennon. Isso me atraía demais”.

Pelo já conhecimento de Caio sobre a carreira de Mona, o material de produção ficou rapidamente pronto, em cerca de dois dias, o que facilitou na condução dos procedimentos posteriores da entrevista.

e-
a-
a-
r-
o-
a-
e-
s-
e-
o-
-



Ao citar que o livro *Contagem Depressiva* estava totalmente digitalizado, Caio e Diego se interessaram pelo material e pediram à Mona que o enviasse. A artista rapidamente mandou os arquivos para o email dos produtores.



A
e
s
o

Pelo tempo corrido, uma das primeiras reuniões que a equipe de produção teve foi na área de alimentação do Supermercado Pão de Açúcar, localizado na Avenida Antônio Sales.

A artista ficou bastante empolgada em saber que a edição da revista seria apenas dedicada às mulheres. Tal informação foi comemorada por ela.

juntos, em parceria”.

A gente fez uma música que tem muito a ver com a nossa história, chama-se “James Dean”, que era um ícone pra gente. O James Dean era um cara transgressor por natureza e ao mesmo tempo melancólico. Então, diz muito da gente aquela música. Eu fiz a letra e ele musicou e a gente começou a fazer um processo de mais músicas juntos. Mas você tinha perguntado...

Nícolas – Se você tocava.

Mona – Então, o Ricardo me deu meu primeiro violão e era muito difícil porque escola de música, tinha o quê? Tinha o Conservatório (de Música Alberto Nepomuceno) que eu cheguei a fazer algumas aulas com a grande professora da época, que era a D’Alva Stella, que me dava aula de canto lírico.

E eu lembro que os meus amigos roqueiros acharam aquilo um absurdo: “Mas tu vais estudar canto lírico? Pra que, mulher, estudar canto lírico?” “Mas é a forma que eu tenho de tomar conhecimento, de tentar instruir minha voz”. E olha, foi fantástico eu ter estudado porque eu tinha insegurança como cantora, porque os meninos falavam: “Não, porque tua voz é muito assim, tu tens uma voz pequena”... Tinha essa coisa de voz pequena.

E, quando eu fui estudar com a D’Alva, a primeira coisa que ela fez foi ligar o piano e dizer: “Deixa eu te mostrar a extensão da tua voz. Você é mezzo contralto. Você tanto pode cantar soprano como contralto”. E eu tive umas aulas com ela e aquilo foi fantástico pra mim, foi maravilhoso, foi a passagem pelo Conservatório de Música. Foi muito rápido, mas foi bom.

Depois, eu cheguei a estudar música também na Orquestra do Sesi (*Serviço Social da Indústria*). O Sesi tinha uma orquestra de cordas, já era música clássica. Porque eu era muito inquieta. Até hoje eu sou. E fui lá estudar contrabaixo acústico, tive umas aulas de contrabaixo, depois de violino, na orquestra, mas sempre foi difícil por causa da condição financeira, de ter de estudar, fazer cursinho, trabalhar. Não é uma desculpa, porque eu sei que têm pessoas que estudaram uns instrumentos avidamente, com muito cuidado, mesmo sem condição, mas acho que pra mim pesou.

Quando eu estudava lá no Sesi, eu passava o dia todo lá porque é uma escola muito voltada pra pessoas em situação de exclusão social e tudo, mas eu consegui entrar, conversei lá com eles, “poxa, me deixa entrar, eu gosto tanto de música...” Mas era uma escola muito voltada para pessoas com baixa renda e acabou se tornando um

celeiro de grandes músicos.

Theyse – Mona, como é que foi pra essa mulher tão singular no ambiente em que vivia à época, como é que foi a participação num evento histórico como a *Massafeira*? Você tão jovem, ainda com inseguranças, como você mesma mencionou. Como é que foi a participação nesse evento no ano de 1979?

Mona – Na época eu nem tinha dimensão disso, né? Eu estava ali no momento, eu acho que com muita sorte de estar ali, de muito jovem participar e cantar. Eu me apresentei com o Fernando Marques, pianista, só voz e piano, não deixa de ter sido impactante porque todo mundo com banda e tudo e eu cheguei lá. Eu lembro que eu tinha ido passar o Carnaval em Salvador e tinha visto o Caetano Veloso cantar de shortinho. Eu falei assim: “Ah, eu também vou cantar de short” (*risos*).

Fui lá, botei um short e cantei no *Massafeira*, piano e voz e eu de short e tal, e eu não esperava ser convidada. Estava ali muito na diversão, vendo aqueles grandes artistas do Ceará, Ednardo, Têti, Rodger, todo mundo, eu não esperava. Convivendo com Petrócio Maia, com Stélio Valle, com os grandes compositores, eu nem tinha dimensão do que estava acontecendo.

Quando eu estava no Rio é que eu acho que eu tive noção, “nossa, eu tô aqui no Rio”. E já imediatamente conheci o Dominginhos e ele convidou a gente pra fazer uma gravação dos vocais do disco da mulher dele, que estava lançando um disco da Guadalupe, a primeira mulher dele – primeira não sei, acho que segunda. Enfim, era a mulher do Dominginhos na época (*risos*) – e a gente fez, eu, Têti e Ângela Linhares fizemos os vocais, meu primeiro trabalho remunerado em estúdio foi esse contratado pelo Dominginhos, o que é uma honra.

Caio – Viajar pela primeira vez para o Rio de Janeiro, participar da gravação do histórico álbum duplo *Massafeira*, ao lado de

“A minha música era uma música melancólica, mas era ensolarada, era cheia de sol! E eu cheguei no *dark*. Falei: ‘Pronto, me lasquei’”. (*risos*)

A empolgação do professor Ronaldo com a entrevista de Mona sempre foi notável. Durante a reunião de pauta, dois dias antes do encontro com a cantora, ele acompanhou, batendo os pés no chão, cada acorde das músicas que os entrevistadores ouviram.



Diego chegou a visitar o Porto Itacema das Artes após o primeiro contato com Mona. No entanto, a cantora ainda não havia chegado ao local de trabalho, o que o impossibilitou de cumprimentá-la pessoalmente de novo.

“(...) onde eu trabalhava, era Simone Gadelha; quando eu ia pro palco, era Mona Gadelha. É interessante isso, essa ambiguidade, essas personagens”.

nomes já consagrados como Ednardo, Roger Rogério, Têti e Petrucio Maia. Tudo isso antes de completar 20 anos de idade. Como sentiu essa experiência?

Mona – Nossa, incrível, né? Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, a importância disso eu só fui *sacar* muitos anos depois, a felicidade de estar dividindo um quarto lá no Rio com grandes artistas, grandes cantoras, né? Com Ana Fonteles, que era jovem, mas a gente já sabia que era uma grande cantora, um prestígio entre os autores. Conviver ali com Petrucio Maia e ouvir ele dizer que gostava dos *blues* que eu fazia.

Existia uma situação: como eu não era uma música, tecnicamente falando, eu não era uma instrumentista, tinha essa coisa de achar que o que eu fazia não tinha essa segurança. Até porque os meninos brincavam muito dizendo: “Ah, mas *blues* são só quatro acordes, *blues* é muito fácil”. E, ironicamente, o *blues* fácil, o *blues* de quatro acordes, foi um dos grandes fenômenos do disco *Massafeira*.

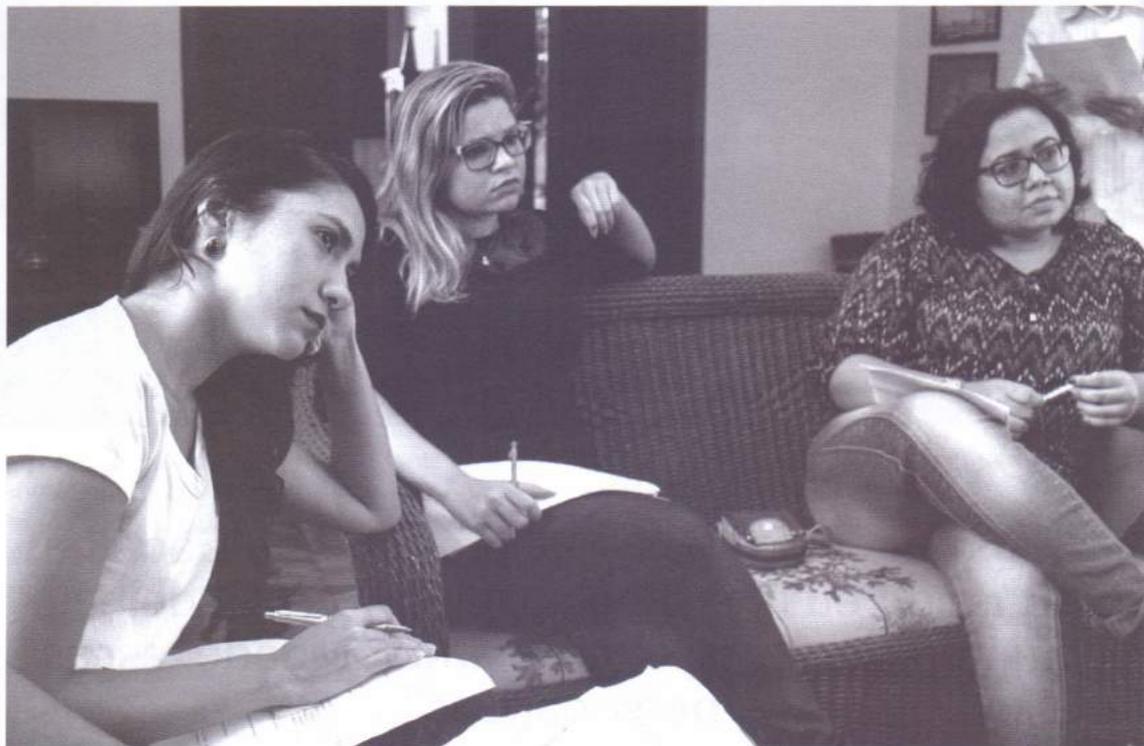
E hoje as pessoas adoram a música e pra mim ainda é engraçado isso porque ainda tá na minha cabeça os músicos falando: “Mas é muito fácil de tocar, é muito simples isso aí que ela fez”. E na época eu não tinha amadurecimento pra *sacar* que coisas simples podem ser muito complexas e sofisticadas. E difíceis! “Ah, mas são quatro acordes”. Mas, se você não souber colocar alma, *feeling*, naqueles quatro acordes, não vai adiantar nada. E eu tinha no meu sentimento, na minha emoção, eu tinha o *blues* muito dentro de mim. Porque eu comecei ouvindo Janis Joplin, Muddy Watter, esses blueseiros todos, John Hooker, eu tinha uma afeição, uma identidade com o *blues*, essa melancolia, esse modo de compor com o *blues*, eu tinha uma afinidade que é até inexplicável, uma menina do Ceará que é ligada em *blues*, só se explica mesmo pelo lado de emoção e afetividade.

E eu amava Janis Joplin, como eu amava ouvir e me influenciar. Então, eu tinha essa situação de ser jovem e reverenciar as pessoas todas. Eles é quem sabiam fazer mú-

Durante várias vezes até mesmo antes da reunião de pauta, Ronaldo Salgado comentou o quanto o professor Gilmar de Carvalho era amigo de Mona, algo que se confirmou quando conversamos com ela.

Na reunião de pauta, Aline sugeriu que seria bacana se houvesse uma pergunta que enfocasse as dificuldades que Mona teria passado para se firmar como uma artista mulher. O questionamento acabou fechando toda a entrevista.

“Dava pra circular a pé por tudo isso, a (Rua) Senador Pompeu, a Avenida da Universidade... Era muito legal poder andar a pé. A cidade não era tão perigosa assim como é hoje”.



sica; eu, não. Eu tava ali de aprendiz, né? Com meus acordes simples, com as minhas canções singelas, e foi um susto quando a gente ouviu na audição, quando chegou o disco pra gente ouvir na primeira audição, o disco *Massafeira*, na casa do pai do Ednardo, eu acho, e tava lá todo mundo sentado, convidamos vários artistas da cidade na época, eu lembro que tava o Mino – eu não vou lembrar de todo mundo –, mas todo mundo ali sentado e colocamos o disco pra ouvir, era uma audição dos dois LPs.

Quando começou a tocar a “Cor de Sonho”, que era a minha música, todo mundo se levantou e aplaudiu de pé. E eu falei: “Nossa, que loucura, que ironia! Porque era a música simples, era a música fácil”. E foi impactante, foi espontâneo as pessoas aplaudirem aquilo. E depois foi a música do disco que tocou no rádio.

E até hoje é uma música que as pessoas gostam e gravam e pedem pra eu cantar. Eu até às vezes falo: “Pessoal, essa de novo não, de novo... Vamos cantar outra?” (risos). Mas toda vez eu canto e pra mim é muito engraçado, muito interessante, é

curioso como as pessoas me escrevem, pessoas jovens, de todas as idades, falando que se identificam, que acham bonito, que também passam noites sem dormir, é engraçado isso.

Rute – Ainda sobre a viagem. Você sofreu algum tipo de preconceito por ser tão nova e mulher, convivendo com pessoas mais experientes, mais velhas? Você teve alguma divergência com alguém, você sentiu isso?

Mona – Não... Na viagem, não. Por incrível que pareça, a gente lá no Rio, convivendo esses artistas todos, todos eram muitos amigos. Tinham as brincadeiras bestas de sempre, né? Eu lembro que uma vez, eu e a Ângela Linhares chegamos pra sair com dois músicos de fora, a gente levou uma vaia na frente quando a gente chegou porque éramos cearenses. Os músicos deram uma vaia na gente... Essas besteiras tinham, essas coisinhas. Tinham muito essas coisas de cearenses, que não perdem a piada por nada, tinha essa esculhambação toda.

Então, tinham essas coisas, mas com relação à música, não. Foi um momento de

Theyse ficou encantada com a música de Mona, “Cor de Sonho”. Antes da reunião de pauta, ela chegou a repetir várias vezes que estava admirada com o verso “posso até te matar com um beijo na boca”.

muita união. O que havia era um clima no ar da questão mercadológica: se o disco ia sair, se o disco ia ser divulgado, existia esse clima pesado no ar, isso existia. O que ia acontecer... Era muito mais essa preocupação mercadológica da nossa situação com relação ao disco do que entre nós. Entre nós era um clima muito bacana, muito de amizade, muito legal.

Nícolás – Então, de certa forma, você achou que estar inserida nesse momento, nessa cena musical, com nomes tão legais que abraçaram, que apadrinharam você, foi sorte?

Mona – Eu acho que sorte, né? Ali foi. Sorte de estar naquele lugar, naquele momento, ter essa chance de estar com essas pessoas. E também teve a ousadia de ter ido procurar. Eu acho que a ousadia da menina tímida que foi lá cantar rock e conhecer os músicos e começou a lidar com essas pessoas até chegar ali... Muita ousadia.

Sempre fui muito ousada e muito corajosa. Eu nem sabia que eu era corajosa. Hoje eu vejo que tinha muita coragem. Se fosse analisar na época, eu não sabia, mas foi muita coragem de ser nova e estar ali, no meio daquelas pessoas, e ter um comportamento transgressor, um comportamento anticonvencional pra uma menina.

Caio – Só retomando um pouco da viagem, pra finalizar esta passagem. Qual a influência do Pessoal do Ceará em você como artista e na sua geração, que é pós-Pessoal do Ceará? Qual a importância desse movimento musical pra arte de vocês?

Mona – Uma influência literalmente literária. A poética do Pessoal do Ceará é o que mais me fascina. Eu sei porque musicalmente eles são incríveis. Se você pegar os artistas da chamada geração Pessoal do Ceará, cada um tem uma singularidade no modo de compor e ao mesmo tempo uma identidade... Você sabe que é o pessoal do Ceará, que é daquela geração cearense.

Mas o que me pega mesmo, o que me comove demais é a grande poética. É a poesia, são as letras, o modo de cantar, é tudo lírico. E eu sempre tive essa admiração por essas canções. Nós somos cancionistas, grandes cancionistas, um cancionista fa-

buloso, e isso me motivou até a fazer um disco chamado *Praia Lírca – Um tributo à canção cearense dos anos 1970*, em que eu selecionei algumas músicas e cantei só com voz e piano, que foi uma atitude nostálgica e ao mesmo tempo também ousada, em 2009 e 2010, quando eu morava em São Paulo e participava de muitos seminários, de muitos eventos para analisar a Música Popular Brasileira, e a música do Ceará não existia, nunca existiu, não se fala.

Eu dizia assim: "Que coisa mais estranha! Não se fala da música do Ceará, não se fala dos grandes letristas do Ceará", pelo menos onde eu morava, em São Paulo. Eu sentia essa dificuldade.

Eu lembro de uma grande ocupação do (banco) Itaú sobre os anos 1970 e não tinha uma menção sequer ao Ceará. E a geração do Pessoal do Ceará, na década de 1970, é importantíssima para a música brasileira. É uma geração de ouro e aquela ocupação do Itaú sem uma menção ao Pessoal do Ceará. Aquilo me deixava assim... Chateada. E falava: "Pelo menos eu vou tentar fazer alguma coisa que é muito pouco, porque eu não sou uma artista do *mainstream* (ligada ao consumo de massa), eu sou uma artista independente, mas eu vou pelo menos me colocar diante dessa história toda".

E eu fiz o disco, *Praia Lírca*, que dividiu a crítica, né? Eu percebi que não foi muito bem recebido por alguns críticos que não aceitam releituras de outro modo, porque você tem essa dificuldade no Brasil. Você chega nos Estados Unidos, na Inglaterra, você pega uma canção dos Beatles e ela é regravada 50 mil vezes. Aqui (no Brasil) tem um negócio de interpretação definitiva. Então, aquela música é gravada por um artista tal e não pode mais, porque "não, porque aí não pode mudar e tudo".

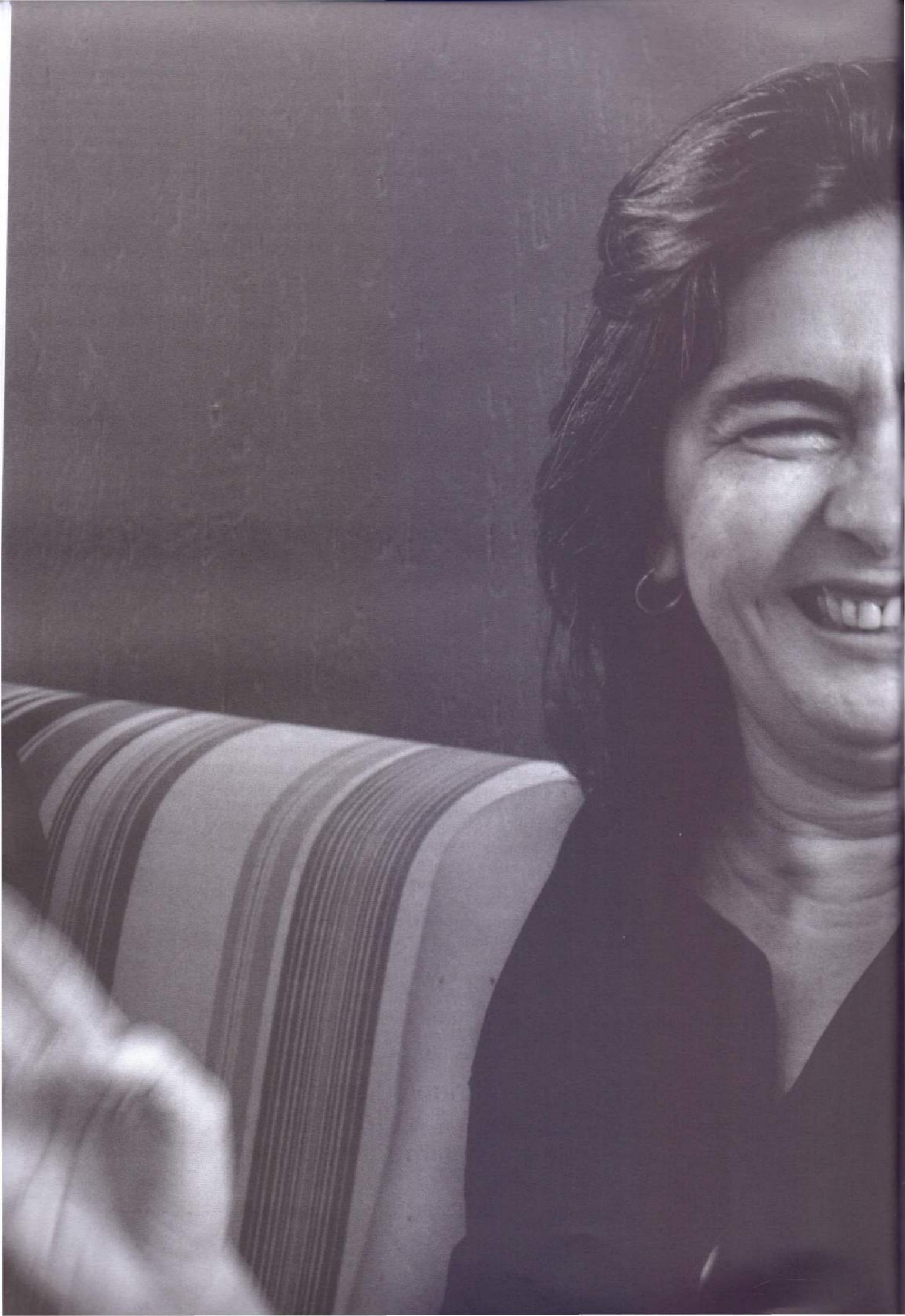
Até hoje, a música que eu gravei pra esse disco que se chama "Paralelas", do Belchior, é a minha música mais ouvida. Eu tenho quase setenta músicas disponíveis na internet e a mais ouvida é a gravação do Belchior, "Paralelas".

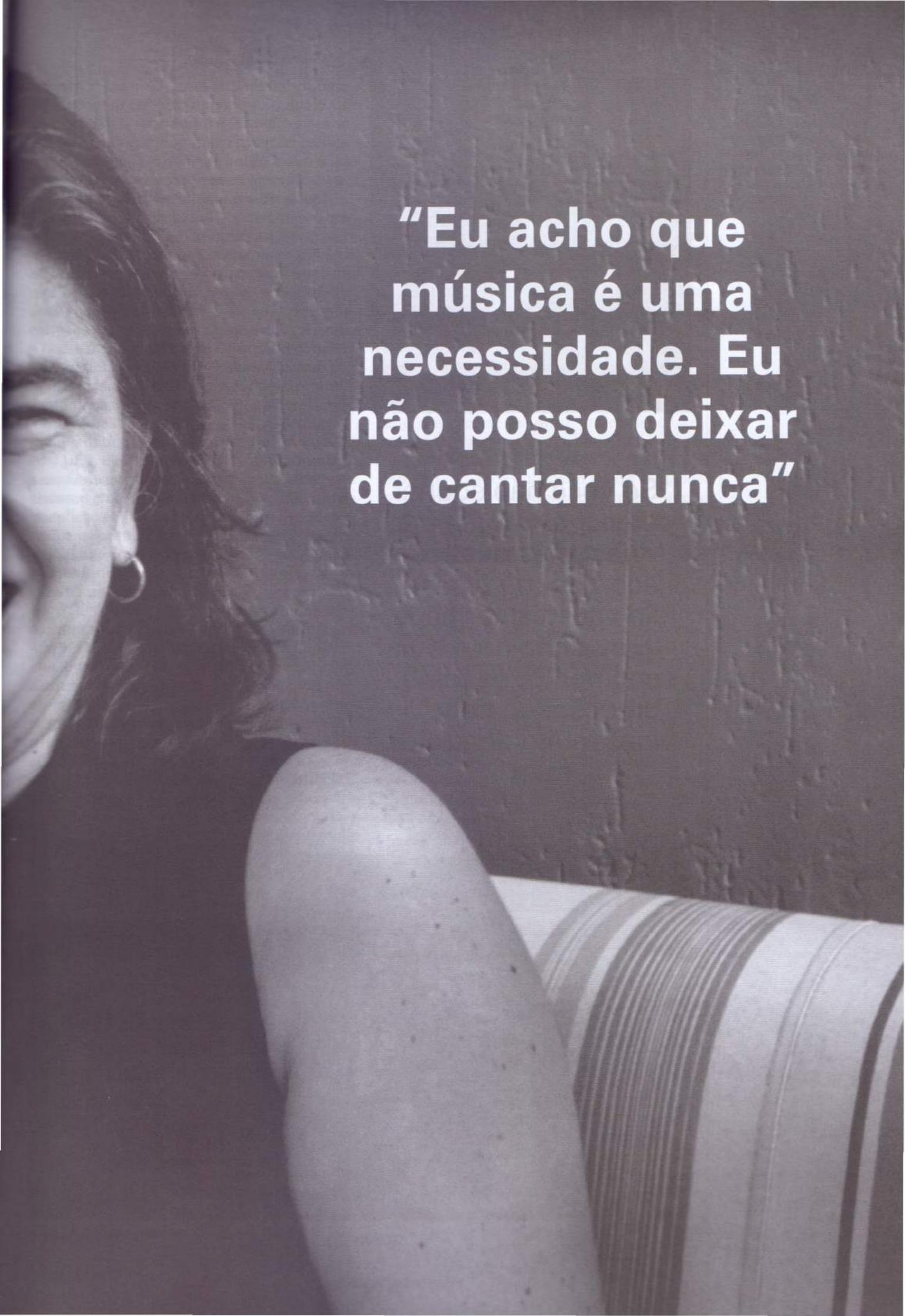
Theyse – E essa Mona tão ligada no texto, na letra, como você falou, essa sua essência na literatura que a acompanha nas

A entrevista com a artista estava marcada para ser no dia 28 de abril. No entanto, devido a algumas atividades no Porto Iracema das Artes, Mona só pôde estar disponível no dia 30 de abril.

"(...) Uma influência literalmente literária. A poética do Pessoal do Ceará é o que mais me fascina. Eu sei porque musicalmente eles são incríveis".

O local escolhido para a entrevista deu-se pelos mesmos motivos da pré-entrevista. O apartamento de Mona, segundo a própria artista, é quente. Então, o professor Ronaldo sugeriu que fosse na própria residência dele. Assim o foi.





**“Eu acho que
música é uma
necessidade. Eu
não posso deixar
de cantar nunca”**

Sem exceção, todos os entrevistadores elogiaram o estilo da casa do professor Ronaldo, com uma arquitetura que dá espaço tanto para o clássico como para o moderno.



“Se você não souber colocar alma, *feeling*, naqueles quatro acordes (*de blues*), não vai adiantar nada. E eu tinha no meu sentimento, na minha emoção, eu tinha o *blues* muito dentro de mim”.

composições também... Como é o processo criativo da Mona Gadelha, das canções, como a “Cor de Sonho” e “A dor” também, ambas com uma letra bem significativa? Parece que a Mona escreve pra alguém às vezes... Como é esse processo criativo?

Mona – É com muita base nas coisas que eu leio mesmo. Têm duas influências fortes, que é a Literatura e o Cinema. Tem uma música chamada “Crepúsculo de uma deusa” que eu escrevi depois que eu vi aquele filme... *Crepúsculo dos deuses*, acho que o nome original é *Sunset Boulevard* (filme americano lançado em 1950)... Que é do Billy Wilder, né? E tem a Norma Desmond e eu assisti àquele filme e eu sou muito ligada nesse conceito da solidão, nessa situação de solidão do artista, e ali eu acho que a personagem ela vive uma solidão, uma decadência, uma atriz de Hollywood que entra em um processo de decadência.

Eu terminei de ver o filme e escrevi essa letra, “Crepúsculo de uma deusa”, baseada no filme, que diz: “Quem vai te acalantar nessa noite fria? / Quem vai te beijar nessa cama vazia?” e faço um grande *mix*. Eu peguei a situação do filme, coloquei situações minhas também. Acho que toda letra minha é autobiográfica.

Ao mesmo tempo, estava lendo muito o Zygmunt Bauman, sociólogo polonês. Eu tinha feito uma pós-graduação em São Paulo em Sociologia, em Globalização e Cultura, e estava lendo muito o Bauman e ele falando das relações líquidas, dessa liquidez, dessas coisas difíceis. Juntei tudo isso numa única música, e acho que ela tem muita influência da Patti Smith, no modo dela cantar.

Eu fiz até uma versão em inglês, porque



Alguns estudantes chegaram a visitar o famoso jardim do professor Ronaldo Salgado, que fez questão de apresentar cada espécie de flor presente no ambiente.

quem sabe, né? Eu mando pro espaço e chega na Patti Smith. Seria um sonho, eu poderia me jogar e morrer porque... (risos).

Theyse – Então, até que ponto é bom e até que ponto é ruim ser essa artista independente, não fazer parte do *mainstream*, numa indústria musical assim tão forte?

Mona – É bom esse lado da falta de compromisso com a novidade, com o mercado, você ser muito sincero com o seu trabalho. Mas, sem dúvida, é ruim porque você não consegue chegar nas pessoas. Todo show que eu faço eu encontro pessoas que estão me vendo pela primeira vez e eu já com sete discos lançados. Às vezes eu sou entrevistada por um jornalista jovem, que nem vocês, e a pessoa não sabe da minha história. Não como vocês que fizeram o dever de casa, pesquisaram... (risos)

Eu lembro que nas aulas da Adísia Sá, na UFC, ela dizia: "Vocês não podem ir para uma entrevista sem saber a história das pessoas, gente. Pra entrevistar você tem de saber". Acho que ela *tava* puta porque alguém foi entrevistá-la e não sabia quem era ela e ela ficava invocadíssima.

Diego – Mona, voltando para o lado da literatura, me interessa também saber como é que foi produzir literatura na época da ditadura militar. A gente soube que teve a publicação do "O Homem Padrão", que foi esse conto...

Mona – (corrigindo) Foi um poema.

Diego – Sim, um poema. Conta pra gente como é que estava esse clima, como é que foi produzir nessa época.

Mona – A minha forma de se expressar, de ser adolescente solitária, melancólica, era escrevendo, o meu negócio era escrever. Escrevia, tinha os meus caderninhos, e era tudo muito espontâneo, né? Eu lia muito Clarice Lispector, lia muito Fernando Pessoa, lia José de Alencar também, lia tudo.

Quando eu tive a chance de receber jornais alternativos e eles aceitavam colaboração, comecei a mandar meus poemas também. E teve um chamado "O Homem Padrão", que foi publicado na capa de um jornal, *Cogumelo Atômico*, e eu recebi, fiquei contente e ao mesmo tempo morrendo de medo, eu falei: "A Polícia Federal vai me prender, esse poema aqui é muito forte".

E eu lembro que na época os meus amigos começaram a me botar medo também, "teu poema aí na capa do jornal, isso aí pode dar problema". Eu tinha 15 anos (risos). Fiquei apavorada com aquilo! Porque falava do homem padrão, falava da relação do operário que trabalha, que cumpre a jornada de trabalho. Olha a maluquice, né?

Porque existia um clima muito grande

de medo. Todo mundo tinha muito medo. Eu lembro que a publicação disso me deu muito medo. Eu comecei a ficar preocupada com aqueles jornais chegando e eu acho que eu nem mandei nada depois, também. Fiquei com medo.

Julia – Mona, abre aspas: "Aquela adolescente melancólica que escrevia", fecha aspas. E hoje, a Mona Gadelha não tem mais essa necessidade de colocar pra fora o que sente?

Mona – Sim. Eu escrevo, mas escrevo de uma forma muito mais autocrítica, né? Eu escrevo e vou editando. Eu acho que, quando eu era adolescente, escrevia no fluxo, sem tanto autocrítica. Hoje, não.

Escrever eu acho que é o ato mais maravilhoso e mais difícil. Eu acho que a grande arte é escrever. Escrever um romance pra mim é a grande arte. "Escrever um romance" (*enfatizando a expressão*), né? Você tem um romance publicado e esse romance pode inclusive ser transposto para outras linguagens, pra filme, pra música... Escrever é o grande ápice da arte.

Carol – E você, tendo ganhado um concurso, inclusive com um júri presidido pelo Moreira Campos, tendo publicado alguns poemas... Por que você não enveredou pela carreira literária? Por que você não investiu mais, já que teve um reconhecimento no início? Por que você não continuou?

Mona – Acho que a mesma coragem que eu tinha pra fazer música eu não tinha coragem pra literatura. Eu acho que eu sacralizei muito a literatura, eu achei uma coisa muito sagrada. "Ah, isso aqui é uma coisa muito difícil", me senti mais frágil. Pra música eu sempre tive muito ímpeto, muita coragem, mas na literatura...

Também não tive muito incentivo. Na verdade, não é bem incentivo. O Mino, por exemplo, me ajudou a lançar um livro que eu nem pensava. Fui na casa dele, eu frequentava muito o estúdio lá, passava as tardes lá vendo ele desenhando, era muito bom. Isso foi uma coisa muito bacana pra mim, que eu tinha na adolescência, essa sacada, de conviver com pessoas mais velhas, com artistas que pudessem me trazer experiências, me indicar livros.

Eu era jovem e era amiga do Gilmar de Carvalho, era amiga do Mino, era amiga da Ângela Borges, do Augusto Pontes, isso foi muito legal pra mim, eu não tinha essa barreira de idade. Eu era amiga deles.

Então, o Mino era um artista em que eu frequentava o ateliê e via ele desenhando e tudo. Um dia ele chegou e disse: "Traga os seus contos". Teve um conto premiado que foi premiado e tal. Então, eu levei os contos

A experiência artística e jornalística de Mona certamente contribuiu para a fluidez e a coerência de conteúdos durante uma entrevista que durou, ao todo, exatamente duas horas, 12 minutos e 36 segundos.

Um grande dilema que acompanhou toda a equipe de entrevistadores durante o estudo da história de vida de Mona, exatamente pelo amplo leque de conhecimentos que ela possuía, foi como é que iam começar e finalizar a entrevista.

A entrevista foi interrompida por um inusitado motivo: sabendo que um avião estava passando, o professor Ronaldo fez questão que todos fizessem silêncio e esperassem ele sobrevoar a casa.



e ele guardou ali e no outro dia ele me ligou: “Moninha, venha aqui no estúdio hoje à tarde que eu quero te mostrar um negócio”.

Quando eu cheguei lá, ele tinha desenhado o livro inteiro. Desenhou em pranchas, porque naquela época não tinha computador, ele desenhou, deixou naquelas pranchas, eu olhei e falei assim: “Mino, que coisa brilhante”. “Agora a gente vai publicar”. “Publicar como?” (risos). “Não, pera aí...” Eram umas loucuras que só tinha naquela época. “Vou ligar aqui pro Valtinho. Vamos fazer o livro da Mona, vamos publicar e tal”. Eu: “Então tá, e a gente lança junto com um show no Teatro Universitário, com Rodger Rogério, Ricardo Bezerra, Têti, Jorge Hélder, Lúcio Ricardo”.

Lançamos um livro no Teatro Universitário. O Mino lá defendendo, eu me lembro que ele quebrou um maior pau com um rapaz lá porque o rapaz chegou e disse: “Ah, eu acho que têm uns contos muito ingênuos”. E ele: “Ingênuo o quê?” (risos) E foi o maior quebra pau lá, me defendendo e tudo. E eu senti isso no lançamento: “Rapaz, literatura é mais complicado que música. Sei não, se eu vou encarar isso agora, quem sabe um dia, isso é barra pesada, a turma já vem com tudo, parece que a patrulha é pior ainda, hein?” (risos). Porque, quando você canta, você extravasa lá e tudo, agora a literatura, né?

Então, já teve essas polêmicas e aquela situação de fazer faculdade, trabalhar, cantando, eu fui deixando realmente em segundo plano, continuei lendo, mas deixando em segundo plano.

A literatura era uma coisa que eu ficava sempre pensando: “Ah, mas tem de se pre-

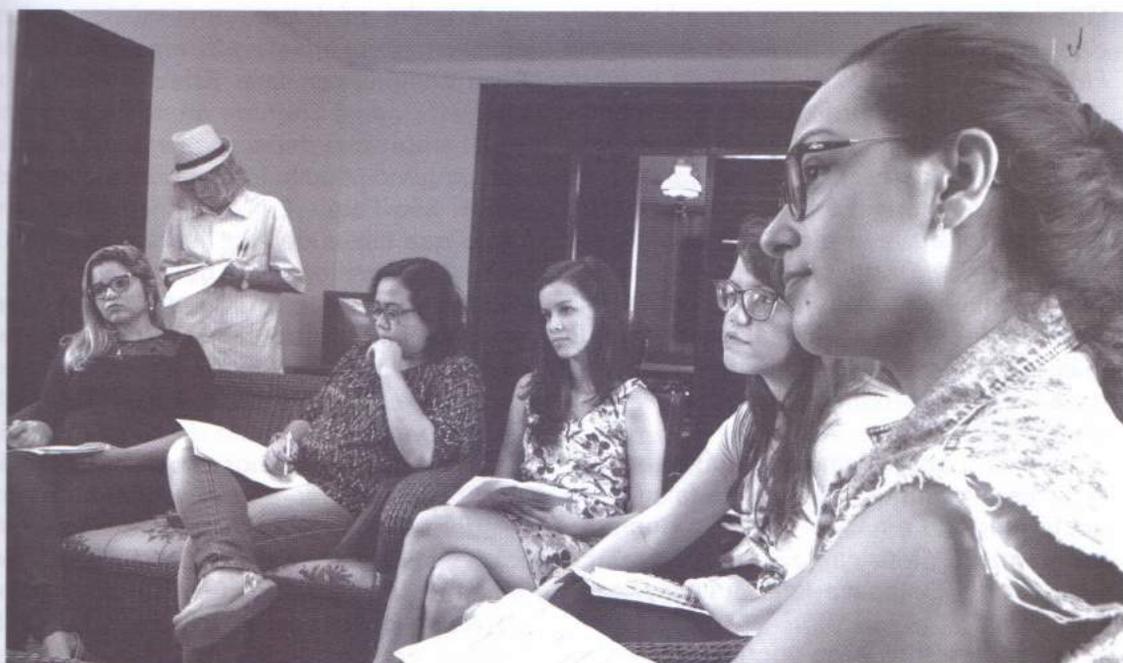
parar, tem de ler cinco mil livros”... Foi por isso. De certa forma, eu acabei me arrependendo um pouco de ter deixado, porque eu vinha num fluxo tão ativo...

Julia – Você disse mesmo que era inquieta. E talvez por isso tenha sido tão revolucionária... Como está esse espírito revolucionário hoje?

Mona – Eu costumo dizer que a minha geração ficou “emparedada”, porque hoje você tem uma geração da nova música brasileira, que são as pessoas na faixa de 25 a 30 anos que conseguem um público muito interessante através dos meios digitais. Você tem os artistas com nomes consagrados que têm público a vida toda, que tiveram hits executados no rádio. E tem a minha geração, que fica no meio ali, que não foi nem para um lado nem para o outro, tentan-

“Então, eu tinha essa situação de ser jovem e reverenciar as pessoas todas. Eles é quem sabiam fazer música; eu, não. Eu tava ali de aprendiz. Com meus acordes simples, com as minhas canções singelas”.

O mesmo dia da entrevista foi também o dia do aniversário de 21 anos da Carol Melo, feito que gerou muitos abraços e felicitações à moça por parte de toda a equipe de entrevistadores, do professor e da entrevistada.



Devido a um contra-tempo com o ônibus, Kamylla Karen chegou um pouco atrasada, nada, no entanto, que atrapalhasse o decurso da entrevista.

do... Têm muitos artistas, se eu for falar vão ser muitos!

Quando a Internet surgiu, a gente ainda ficou pensando: "Ih, será que isso vai dar certo? Esse negócio de MP3?" Eu lembro demais, a gente tinha reuniões para discutir. "Mas esse MP3 vai dar certo? As pessoas vão 'baixar' músicas?" E quem nasceu já com essa linguagem, já dominou, já dominou... (*ênfatisando a repetição da expressão*). Então, é mais difícil pra gente. A gente continua sendo os transgressores e os marginais dessa história. É engraçado isso.

Diego – Mona, você fala muito a respeito desse comportamento transgressor, libertário. Você teve muito contato com a Literatura *Beat*, como mencionou antes. Você acha que ter contato com esse tipo de leitura realmente realçou esse seu comportamento, esse seu espírito?

Mona – Sim, o *rock*, essa literatura... Era uma literatura também muito combatida. Na faculdade, gostar de Literatura *Beat* era pecado, não podia. Tinha muitas brigas no pátio (*do curso*) Comunicação porque eu gostava de Jack Kerouac, muitos quebra-paus. Não podia gostar de Jack Kerouac, de Allen Ginsberg, era uma confusão.

Você pode gostar de Allen Ginsberg e gostar de Carlos Drummond de Andrade, eu sempre tive essa questão comigo. A minha grande pergunta era: "Por que tem que limitar as coisas? Por que eu só posso gostar de uma coisa?" Essa coisa segmentada, eu sempre tive muita dificuldade. "Ai, só pode andar com a turma do *rock*, com a turma da MPB". Esse negócio das turmas...

Eu, quando cheguei em São Paulo, queria saber como as coisas se davam, como as

coisas funcionavam na música. E teve um produtor que falou assim: "Olhe, você tem alguma turma? Faz parte de alguma turma?" E eu disse: "Não". E ele falou: "Pois você vai ter de ter uma turma". E eu falei: "Fudeu, porque eu não vou ter turma. Eu não tenho turma. Eu gosto de tudo, eu gosto de samba, eu gosto de *rock*, de MPB, de literatura... Como é que eu vou fazer? Eu vou me lascar nessa história. Eu não tenho turma".

Eu me lembro demais disso... "*Você tem (ênfatisando a palavra)* de achar sua turma". Eu nunca esqueci isso. Ele estava falando uma verdade mesmo, né? Esse negócio da turma.

Eu tinha turma quando era adolescente, acho que turma tem a ver com adolescência. Na adolescência você precisa de uma turma, até para se fortalecer e enfrentar as coisas. "A minha turma", isso eu tinha, na adolescência. Mas depois eu descobri um horizonte que não tem limite.

Eu tinha um programa na Rádio Universi-

"O jornalismo foi muito o trabalho pesado de redação, operária. Escrever matéria, fechar jornal. O que eu tentava fazer era sempre um trabalho com toda excelência possível".

Por outro lado, Caio Vitor, apesar de ter comparecido ao Maloca Dragão e ainda ter se apresentado na noite com a sua banda, A.R.S., foi o primeiro a chegar na casa de Ronaldo Salgado.

Além da movimentação das mãos no cabelo, Mona estava com um óculos na mão que ora deixava descansando nas pernas ora colocava-nos olhos.

tária (*equipamento pertencente à Universidade Federal do Ceará (UFC), de frequência FM 107,9, inaugurado no dia 15 de outubro de 1981*), quando eu fiz o curso de comunicação. O Rodger Rogério me perguntou se eu queria apresentar um programa na Rádio Universitária. Eu falei: "Ah, eu quero. Eu produzo, eu levo meus discos... Posso fazer?" "Vá lá". Fiz um programa que era aos domingos, eram três horas, ao vivo. Eu saía da praia direto pra rádio, às vezes eu ia de maiô e tudo, com a toalha amarrada e chegava na rádio com meus discos debaixo do braço (*risos*).

E fazia o programa. Exatamente pra colocar essa maluquice que eu tô falando de gostar de tudo e não ter limite, o nome do programa era "Música do Planeta Terra". Eu tocava tudo! Eu tocava Janis Joplin, Arrigo Barnabé...

Eu sempre tive essa vontade de conhecer mais coisas e fazer mais coisas. Não me limitar a um negócio só. Agora isso sempre foi problemático, as pessoas não aceitam muito. "Ah, é cantora e escreve também? Como assim?" Tinha essa coisa, não sei se ainda tem, mas tinha isso. "Ela é cantora e passou no vestibular?" (*risos*) Era assim, era assim.

Claryce – Você citou os anos 1980, e nessa época o pensamento vigente, entre os músicos cearenses, era que eles tinham de se descolar até o Rio de Janeiro ou São Paulo para fazer a carreira decolar, acontecer de fato. Por que tinha esse pensamento na época?

Mona – Tinha mesmo. Todo mundo dizia: "Você tem de ir embora! Você tem de ir embora!" Todo mundo. Eu fui expulsa! (*risos*) "Você tem de ir embora!" "Você tem de mostrar seu talento lá fora, tem de ir embora!"

Sabe, eu fui muito maluca, acho que não pensei direito, porque, quando cheguei em São Paulo, tive um impacto. Eu tinha tanta saudade, eu sofria tanto de saudade, dos amigos, de casa, do almoço de domingo na casa da minha mãe... Aquilo foi di-fí-cil demais!

Caio – Como fazer para manter o contato com a família?

Mona – Ligava, passava horas. E eu achava, na minha cabeça: "Não, eu vou, mas eu vou voltar. Vou ficar morando em São Paulo e em Fortaleza". Bem louca, né? Porque era impossível!

E você chega e tem logo um encontro com a realidade. Quando eu cheguei em São Paulo, a música alternativa que estava predominando era a *dark* gótica (*gênero em que as músicas possuem uma sonoridade sombria*).

A minha música era uma música melancólica, mas era ensolarada, era cheia de sol! E eu cheguei no *dark*. Falei: "Pronto, me lasquei". (*risos*) Era tudo muito cada um na sua. Lembro-me demais, a gente não podia dançar junto. Aquilo foi um primeiro impacto em São Paulo. Eu, com meu disco, um disco que falava de céu, "será que o céu é azul..." Eu simplesmente guardei.

Mas o que ocorre? Quando eu cheguei em São Paulo, comecei a ter uma sorte muito grande no jornalismo. Eu mandava meu currículo e era chamada. *Folha de São Paulo* (*jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo e o segundo maior jornal de circulação do Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC)*), *Estadão* (*codinome do jornal O Estado de São Paulo. Foi fundado com base nos ideais de um grupo de republicanos, em 4 de janeiro de 1875. Hoje, é um dos periódicos mais influentes no país*)... Era entrevistada nesses locais.

Era incrível porque isso foi muito interessante. Quando cheguei na cidade, o meu currículo era avaliado, os textos lidos. Então, todo emprego que eu chegava, as pessoas diziam: "Seu texto é muito bom!" E eu ficava: "Olha, que legal! Eles leem mesmo o texto e chamam". E eu acabei indo trabalhar em uma revista de moda, que era uma revista que eu recebia na Scala e achava incrível.

Então, eu vi esse nascimento da moda brasileira, foi muito interessante. Mas aquilo ali era o meu trabalho do dia a dia, eu ia ter de escolher. Porque achava que dava pra fazer música e jornalismo ao mesmo tempo, mas, em São Paulo, eu confesso que não dava, era complicado...

Kamylla – Mona, você começou a carreira musical no Ceará e deu continuidade a ela em São Paulo. Quero saber como você vê o reconhecimento dentro do Estado, na cidade natal, e fora. Como você enxerga esse reconhecimento, tanto no Ceará quanto em São Paulo, como nos países lá fora?

Mona – No Ceará, eu vejo um reconhecimento muito interessante. Fui convidada para ser coordenadora do Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes (*inaugurada em 2013, é uma escola de formação e criação cultural, ligada ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC)*), acho que isso é um reconhecimento muito bacana. Sou tratada com muita cordialidade pelos colegas. Os colegas me tratam com muita reverência, muito bacana. Ainda há uma dificuldade de chegar em um público maior. Do ponto de vista do mercado, é complicado, continua complicado. Ainda sou uma artista dentro de um âmbito alternativo.

Os momentos em que Mona falava sobre seu comportamento transgressor foram os que mais renderam risadas à equipe de entrevistadores.

Eu percebo porque eu tenho cinco mil pessoas na minha página no facebook e eu percebo pessoas das mais variadas áreas, é incrível! Acho muito bacana chegar em um hotel e o cara que é manobrista falar: "Gosto muito do seu trabalho". Como é que esse cara chegou? (à música dela). Porque eu imagino que ele tenha dificuldade, eu não toco no rádio. Então, como é que ele chegou? É difícil, pra mim, pensar que eu não tenho oportunidade de chegar nesses grandes meios de comunicação. Porque eu sei que a minha música é própria pra isso, ela chega nas pessoas.

A prova é a "Cor de Sonho", que é uma música de 30 anos que até hoje as pessoas escutam e gostam. Então, tem essa dificuldade, sim. Agora, do ponto de vista de história, é muito bacana ter uma história reconhecida. Agora mesmo o professor Gilmar de Carvalho lançou um livro chamado *Música de Fortaleza*, e eu sou um dos ensaios do livro. Pra mim, isso é um reconhecimento maravilhoso!

O Aquiles Reis, que é crítico e é do Grupo MPB4, fez um texto lindo falando que eu era a voz feminina de uma geração. Achei lindo isso. Eu tenho esse reconhecimento pontual que é muito bacana. Agora, eu gostaria de chegar para um público muito maior, que minha música chegasse a um público maior. Porque é uma música, é canção com refrão, com parte A, parte B, e poderia chegar a um

público muito maior. Mas há uma dificuldade, ainda muito grande, desses grandes meios de comunicação.

Nícolás – Em algum momento você pensou em desistir da carreira?

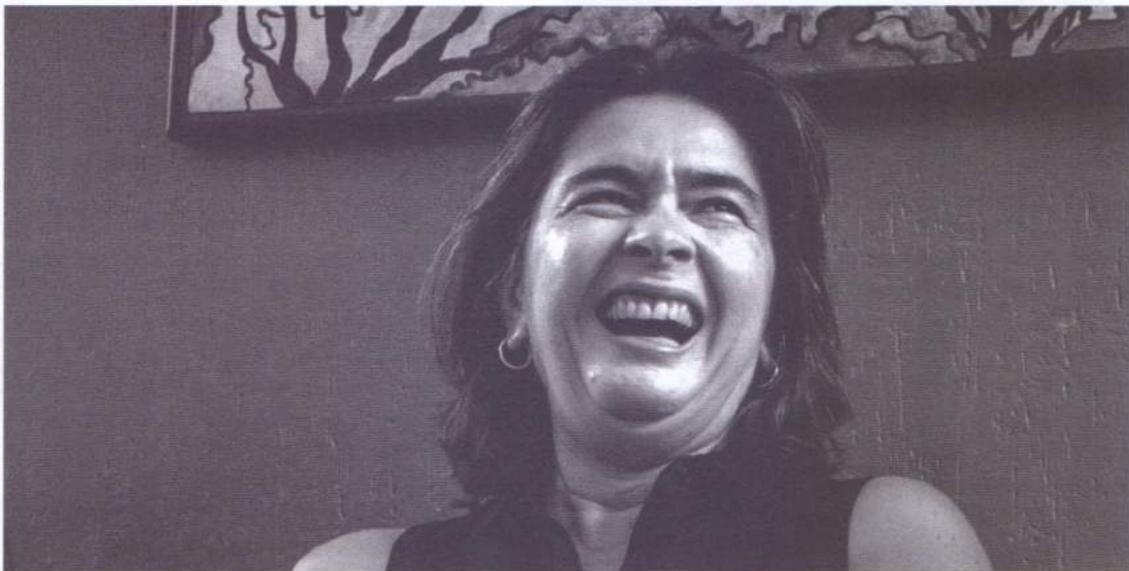
Mona – Não, nunca. Até porque eu acho que música é uma necessidade. Eu não posso deixar de cantar nunca. Pra mim cantar é... Cada vez mais... (em tom de admiração)

Eu cantava muito mais, eu fazia muito mais shows quando estava morando em São Paulo. Eu fiz muito mais shows. Eu acho que o número de shows foi diminuindo, porque no meu primeiro disco eu fiz muitos shows, o disco foi muito bem recebido pela crítica.

É engraçado, porque o primeiro disco é o que dá mais nos nervos, né? É o primeiro e eu fiquei apavorada! Foram muitos músicos, sofri muito com a mixagem, foi um parto! (risos) E quando lançou eu falei assim: "Seja o que Deus quiser!" Porque eu estava apavorada. Pra minha surpresa, foi um disco superbem recebido pela crítica, a crítica só falou bem desse disco, impressionante! Foi um momento muito legal, fiz muitos shows, muitos shows... E fui indo para uma maturidade, eu acho, de voz.

Cada vez hoje que eu estou no palco, que eu estou cantando, eu penso assim: "Poxa, isso aqui é um momento único!" Como é legal cantar... Parece que a pessoa está levitando, é um negócio impressionante, de bom e de prazeroso.

Quando Mona falou que se sentia um pouco solitária porque lia Jack Kerouac na universidade, Diego e Theyse se entreolharam. Motivo: Diego gosta bastante do escritor.



"Podia escrever em um outro âmbito, mas escrever pra jornal, fazer crítica de música, fazer resenha de um disco... Eu sempre fiquei fora disso".

De sorriso fácil, a entrevistada respondeu com prontidão a todas as perguntas, sem hesitar ou recuar em momento algum. O que era mais notável em sua comunicação corporal era o quanto mexia nos cabelos.

Sempre quando cita-va sua mãe, lembrando da influência dela na vida da artista, Mona deixava a fala mais tranquila e branda.



Dois gravadores estavam registrando a entrevista: um pertencente ao professor Ronaldo e o outro ao GRUPE TV, projeto de extensão do curso de Jornalismo.

Claryce – Falando agora da questão do jornalismo: por que você decidiu cursar Comunicação Social e não Música?

Mona – Boa pergunta. Eu pensei muito em fazer Música, mas sou uma pessoa que tudo que eu vou fazer eu consulto, assim, uma assembleia de amigos, de pessoas. E todo mundo me falou: “Olha, não tem um curso que vai lhe oferecer o que você quer.” Pensei: “Puxa, a área mais próxima do ato de escrever, de fazer letras, é Comunicação.” Então, eu fui pra Comunicação pela escrita, pelo escrever. E foi bacana, foi uma descoberta legal. Depois que eu fui pra São Paulo, eu fiz vários cursos de música, eu estudei música.

Rute – Como é que foi a trajetória acadêmica no jornalismo?

Mona – No jornalismo eu trabalhei em todos os veículos. Eu trabalhei em televisão, que eu acho mais difícil de todos; como editora de revista, de jornais. Lá em São Paulo, eu editei um jornal que se chamava *Meio e Mensagem* (jornal semanal lançado em São Paulo em abril de 1978), que era um jornal que eu lia muito na época da (agência de publicidade) Scala, onde eu trabalhava como publicitária. Fui editora desse jornal. Fazia muito freelance... Sempre escrevi muito sobre moda.

Também trabalhei muito sobre marketing e negócios. Escrevi nos primeiros veículos sobre informática e tecnologia. Escrevia

“Eu acho que é um momento fantástico. Fazia tempo que eu não via, nos últimos dois ou três anos, um momento tão interessante na música do Ceará. Principalmente contemplando as várias vertentes, a música instrumental, com músicos virtuosos, incríveis, talentosos”.

“Escrever eu acho que é o ato mais maravilhoso e mais difícil. Você tem um romance publicado e esse romance pode inclusive ser transposto para outras linguagens, pra filme, pra música... Escrever é o grande ápice da arte”.

muito sobre tecnologia, adorava, era muito ligada. As primeiras revistas sobre tecnologia no Brasil fui eu que escrevi, no Caderno de Informática do Estadão. Eu sempre fugi da escrita sobre música. De crítica e analisar... Eu nunca me senti à vontade como cantora, como artista, para escrever sobre o trabalho de outro colega. Como crítica, sabe? Podia escrever em um outro âmbito, mas escrever pra jornal, fazer crítica de música, fazer resenha de um disco... Eu sempre fiquei fora disso.

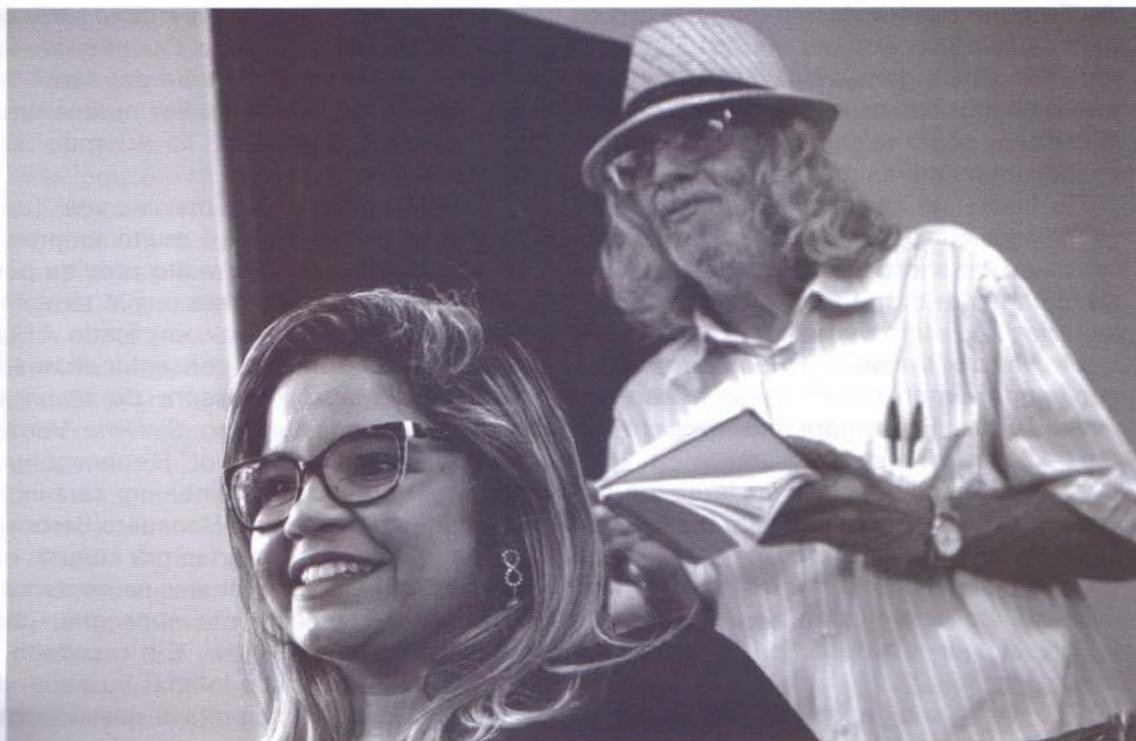
Rute – Ainda hoje é assim?

Mona – Ainda hoje. Prefiro não. Se eu tiver de escrever vai ser pra algum texto específico, pra um livro, pra uma coisa mais... (*prolongando a fala*). Mas pra fazer uma resenha de disco, eu nunca me senti à vontade pra fazer isso.

Aline – Qual experiência mais a marcou como jornalista?

Mona – Uau, teve tantas... Teve muitas. Eu lembro da cobertura que eu fiz, com a TV Manchete (rede de televisão brasileira fundada no Rio de Janeiro de 1983 pelo jornalista e empresário ucraniano naturalizado brasileiro Adolpho Bloch. A emissora permaneceu no ar até 10 de maio de 1999), das romarias de Juazeiro. Eu fui com muito medo, com muita má vontade. “Ah, vai ser uma trabalhadeira, não vou saber fazer”. Foi interessante porque a TV Manchete era nacional, então a gente fazia matérias aqui pra ver se entrava no nacional. E foi uma matéria que entrou. Infelizmente eu não tenho essa. Naquela época era tudo naquelas fitas gigantes. Mas foi uma matéria que entrou nacionalmente, isso foi muito marcante.

E ser editora do *Meio e Mensagem* foi marcante. Na experiência como editora, eu aprendi muito. Muito de tudo, de relações humanas, da síntese do texto... Foi um aprendizado incrível e sofrido, muito sofrido porque não tinha tecnologia, a gente escrevia naquelas máquinas pesadas, as Olivettis (*marca de máquinas de datilografia*), e editar naquelas máquinas sem o editor de texto foi “paulêra” (*difícil, forte*). Então, pra mim, foi marcante isso.



O fotógrafo Filipe Pereira, já tendo registrado outras entrevistas, não titubeou ao ser convidado para fotografar a conversa com Mona Gadelha. Respondeu com um sorriso “sim”.

Horas depois da entrevista, Diego e Theyse continuaram inseridos na dinâmica de produção jornalística. Ambos tiveram plantão: ele no jornal *Diário do Nordeste*, e ela na *Rádio Verdes Mares*.

De acordo com alguns colegas, Nicolas, assim que chegou em casa, para não perder a inspiração, procurou logo escrever as primeiras linhas do texto do perfil de Mona Gadelha.

Ah, e o caderno de domingo. Marcante demais! Foi o primeiro veículo que eu trabalhei, o jornal *O Povo*. Trabalhar em um caderno com profissionais incríveis dos quais eu era fã, Nonato Albuquerque, Isabel Píneiro, Luís Sergio Santos... Eu era novinha, chegando para trabalhar com esses caras. Foi demais!

Julia – Falando um pouco do seu espírito transgressor, revolucionário. Você se encontrou dentro do jornalismo? Porque a gente percebe que na sua trajetória você disse: “Ah, eu vou pra São Paulo porque eu não estou me encontrando aqui em Fortaleza”. Você se encontrou no jornalismo? Como era ter esse espírito transgressor dentro de veículos tão tradicionais?

Mona – Olha, você falou que eu tinha ido pra São Paulo porque eu não tinha me encontrado. Na verdade, não foi bem assim. Eu fui pra São Paulo porque eu comecei a perceber que eu já tinha conquistado tudo aqui. Tinha um público bacana que me acompanhava, tinha uma cumplicidade dos intelectuais, das pessoas formadoras de opinião da cidade, eu tinha feito shows incríveis.

Então, eu cheguei no ponto que, bom, pelo menos as pessoas achavam isso: “Ou você sai daqui para tentar uma coisa maior ou então...” Né? Foi muito no desafio e no impulso.

Julia – É dessa questão de inquietude que eu falava mesmo...

Mona – Ah, tá certo! Exatamente. Agora, no jornalismo não teve muito espaço pra essa transgressão, não. O jornalismo foi muito o trabalho pesado de redação, operária. Escrever matéria, fechar jornal. O que eu tentava fazer era sempre um trabalho com toda excelência possível. Eu era uma editora que lia todos os releases (*materiais informativos sobre eventos jornalísticos*) que chegavam na minha mão, todos!

Eu ficava até altas horas da noite lendo os releases no “papelzinho”, marcando com marcador de texto. Eu dava toda importância. E também todo jornalista que chegava na redação pedindo uma chance para fazer um freelance (*trabalho remunerado sem ligação com empresas de comunicação*), eu dava. Todos. Eu sempre nesse ponto era uma colega muito solidária.

O cara chegava querendo fazer um freelance, eu: “Ah, tá aqui. Vá fazer essa matéria” e, se fosse um texto legal, aquilo ali ficava constante. Tinha esse lado legal. Mas muito de operária mesmo, de trabalhar muito, até chegar um ponto de não aguentar mais redação.

Theyse – Já no que diz respeito à atuação

no campo da produção cultural: qual é a importância da Brazilbizz Music e como foi que surgiu a ideia de montar essa produtora?

Mona – Surgiu de forma muito espontânea porque hoje os artistas se autoproduzem muito, né? Os artistas independentes foram quase que levados a ter de se autoproduzir e os meios tecnológicos ajudaram muito nisso, então você faz seu cartaz em casa, você faz o seu site, você grava em casa.

Eu lembro demais quando eu trabalhava no *Meio e Mensagem*, que o Roberto Duailibi, da DPZ (“DPZ&T”, agência de publicidade paulista), numa entrevista pra mim ele falou assim: “Ah, no futuro você vai poder fazer a revolução na sua casa. Porque você fazia a revolução com mimeógrafo, mas você vai poder fazer com impressoras, vai poder fazer seu jornal em casa”.

E eu fiquei com aquilo na cabeça. Que interessante, não tinha muita dimensão disso, hoje você pode fazer tudo se autoproduzindo, tem muitos artistas que são verdadeiros empreendedores. Eu acho que, para o bem e para o mal, quem tem a vocação pra ser empreendedor, ótimo. Mas quem não tem fica perdido também. Então, o mercado se expandiu muito, isso facilitou muito.

Tem muita gente fazendo música, fazendo arte, produzindo cultura. E foram surgindo as produtoras culturais, e nos juntamos eu e a Maira Sales, quando ela produziu um show meu aqui no Dragão do Mar, que foi o lançamento do disco *Cenas e Dramas*, que foi lindo, a Praça Verde (*espaço pertencente ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC)*) lotada!

Foi muito bonito, foi uma ousadia dela. Eu morava em São Paulo e falei: “Maira, isso não vai dar certo, não. Como é que vai ser esse público na Praça Verde, cara? Tenho público pra isso não. Faz muitos anos que eu saí de Fortaleza. Tô achando isso uma loucura”.

Ela falou assim: “Não, mais eu vou” (*produzir o show*). A Maira é muito empreendedora, uma produtora muito movida pela paixão. Para o bem e para o mal também. Porque paixão às vezes é complicado... Mas ela saiu, dizendo: “Vou conseguir chamada na Verdes Mares (*emissora de televisão cearense, pertencente ao Sistema Verdes Mares*), vou botar no rádio!” E conseguiu. A gente na Verdes Mares, tinha um cara incrível chamado Mansueto, Mansueto Barbosa, falecido. Ele abria as portas pra cultura, ele nos cedia chamadas gratuitas na emissora.

A Maira simplesmente conseguiu chamadas lá, pra esse show. E o resultado o que foi? A Praça Verde lotada! Eu fiquei de queixo caído. Não acreditava nessa loucu-

O vasto e eclético repertório musical e cultural de Mona rendeu elogios à artista por parte dos entrevistadores, já que muitos puderam conhecer alguns grandes nomes durante o diálogo com a cantora.

ra. Eu digo: "Meu segundo disco, faz tempo que eu não canto no Ceará, Dragão do Mar, Praça Verde... Vai ser barra cantar pra essa Praça Verde vazia!" Fui com muito medo, muito medo mesmo.

E quando eu cheguei foi uma surpresa. Ela chamou outros artistas também pra participar, participou Isaac Cândido, Lily Alcala, saudosa, querida Lily, grande cantora, falecida. Juntaram-se várias pessoas que abriram o show, cada um cantou.

E eu entrei e fiz um show que eu nunca esqueci, pra uma Praça Verde lotada, lançando disco *Cenas e Dramas*. E a partir dali a gente pensou: "Poxa, eu acho que dá liga (certo) isso aí. Vamos montar uma empresa de shows e projetos." Aí, as sonhadoras loucas, já com esse disco *Cenas e Dramas*, já com essa ponte com a Europa. Ele tinha entrado em uma compilação internacional.

Eu cheguei pra Maira e falei: "Olha, o disco tem uma música chamada 'Johnny Vai Pra Guerra' que vai entrar... (para a compilação internacional)". Ela falou: "Rapaz, eu acho que a gente tem de lançar é lá". "Maira, deixa de loucura, como é que a gente vai pra Espanha, cara? Sério".

Quer dizer, isso é aquela produtora danada, que vai. E a Maira: "Não, eu vou ligar pro cara que tá lançando". Ligou já falando em espanhol, "portunhol", falou com o cara, conseguimos as passagens, fomos lá, ela negociou, conseguiu um apoio da Varig (*Viação Aérea Riograndense, empresa que não existe mais*).

A gente foi pra Espanha e, quando a gente chegou foi em Zaragoza (*município localizado na província de Saragoça, na Espanha*), onde teve essa Feira Strict Mundial, lá eles falaram assim: "Olha, a música brasileira tem muita entrada na Europa, vocês deviam começar a pensar em fazer coisas". E fizemos isso. Durante três anos, a gente participou do Midem, que é a maior Feira de Música do mundo. O Brasil ainda estava engatinhado e a música independente brasileira já estava chegando nesses eventos. Hoje está consolidada.

A gente fez coisas bem incríveis com a Brazilbizz. Depois a Maira voltou pra cá, por questões familiares. O pai dela ficou muito doente e chegou a falecer. Hoje nós estamos aqui, atuando de outra forma. Não como a gente atuava tanto em São Paulo, porque lá o mercado é muito maior.

Aline – Como é que se deu o convite para ser coordenadora do Laboratório de Música, do Porto Iracema das Artes?

Mona – Eu vim, em 2014, cantar duas músicas em show especial sobre a Geração Massafeira. Já estava preparando minha ba-

ragem para voltar pra São Paulo e recebi o convite da Bete Jaguaribe e foi incrível, porque eu pensei assim: "Poxa, é um momento..." Eu tinha feito o disco *Praia Lítica*, que teve uma receptividade muito bacana em Fortaleza, as pessoas me falavam muito comovidas. Fizemos um lançamento lindo no Theatro José de Alencar. Muito lindo o espetáculo...

O outro disco, *Cidade Blues...*, já tinha muito a ver com a cidade. Eu acho que estava tudo confluindo pra voltar para Fortaleza. Também a situação de saúde da minha mãe, minha mãe está com 87 anos. Eu pensei: "Poxa, tá no momento de ficar mais perto da família".

As parcerias com os amigos que estavam sendo feitas pelo facebook, agora podem ser feitas ao vivo e a cores. Eu acho que juntou tudo isso. O convite da Bete foi o ponto principal pra ficar em Fortaleza. E é um trabalho desafiador, tem sido incrível o trabalho no Porto.

Diego – Mona, você coordenando um laboratório que tem tanta importância para o Ceará, com uma envergadura grande... Como analisa a cena musical cearense hoje? Esses novos cantores e compositores, como você vê? Agora como analista, como coordenadora.

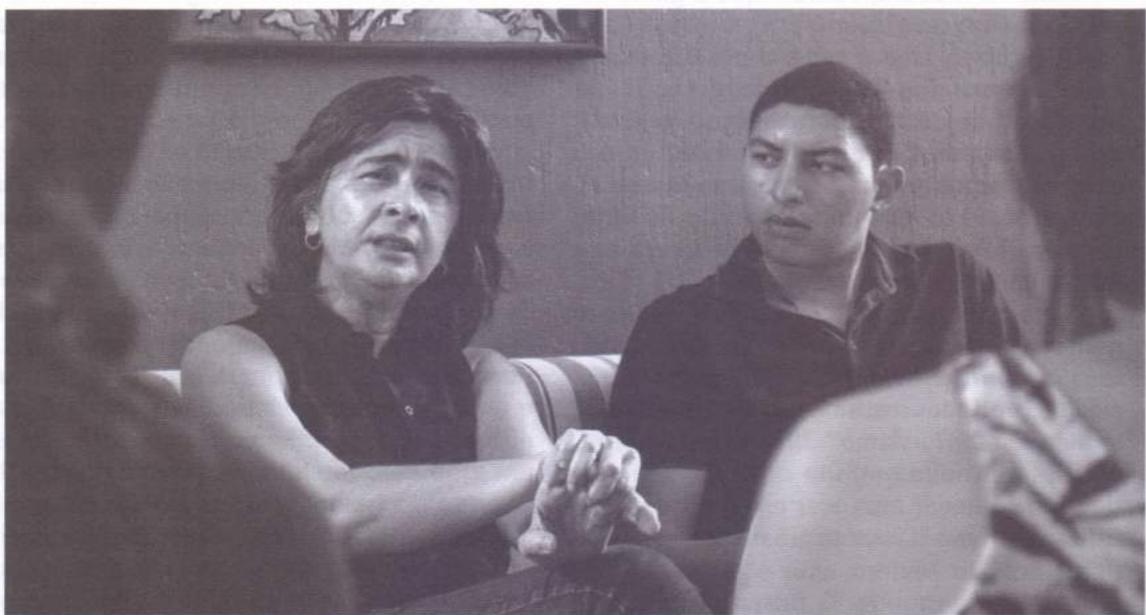
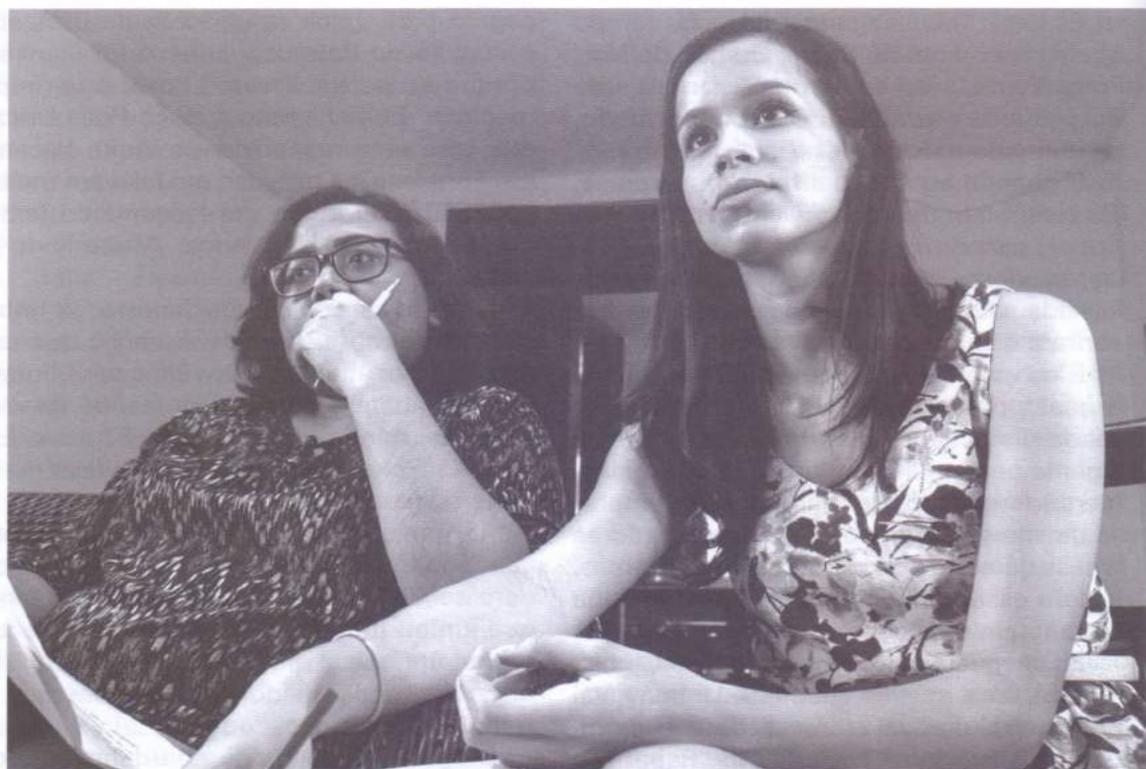
Mona – Eu acho que tá em ebulição. Eu tenho visto trabalhos incríveis, alguns artistas que me surpreendem na criatividade, com postura. Muitos artistas interessantes. Alguns eu fico até com vontade de escrever. Eu fico vendo o artista: "Pô, que vontade de fazer um perfil desse cara, dessa menina..." Porque são artistas incríveis! Eu acho que é um momento fantástico. Fazia tempo que eu não via, nos últimos dois ou três anos, um momento tão interessante na música do Ceará. Principalmente contemplando as várias vertentes, a música instrumental, com músicos virtuosos, incríveis, talentosos. A gente sempre teve essa vocação, mas eu acho que agora a gente tá vendo mais ainda. Cancionistas, gente fazendo canção maravilhosamente bem. Eu acho que é um momento interessante, e é importante a gente ter sempre atenção pra essa diversidade, não ficar só numa onda. Porque a música brasileira vive muito de onda (*referindo-se aos modismos*). "Agora a onda é tal..." "ai, é só aquela onda..." Essas ondas são complicadas. E elas não podem chegar nas curadorias, nas pessoas que são responsáveis pela formação de plateia. Elas não podem deixar que essas ondas prevaleçam sobre a diversidade de talentos que a gente tem.

Nícolas – Os artistas que chegam até você, você enxerga um pouquinho da Mona

Após o encerramento da entrevista, por volta de 11 horas da manhã, entrevistadores e entrevistada se serviram em farta refeição oferecida pelo anfitrião. Diversos doces, salgados, refrigerantes, cervejas e cachaça estavam à mesa.

Na reunião pós-entrevista, parte dos entrevistadores confessou somente ter se sentido à vontade com a entrevista após sentir pessoalmente a leveza e a profundidade de tão fácil transmissão inerentes à entrevistada.

Apesar de afirmar que não tinha problema algum em voltar para casa de ônibus, o professor Ronaldo Salgado, mesmo doente com uma gripe, foi deixar Mona em casa de carro.



Diego chegou a comentar em sala o quanto foi exaustivo, mas ao mesmo tempo gratificante, participar de todo o processo de captação e desdobramento da entrevista com Mona Gadelha.

“Acho que as mulheres enfrentam isso com muita garra, com muita paixão. E nós mulheres, eu sempre digo: ‘A gente tem de ser muito melhor, o tempo todo em tudo’”.

no início da carreira, cheia de sonhos?

Mona – Demais! Demais! Eu vi um projeto agora que entrou, que a Comissão (do Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes) escolheu pra ser um dos projetos do Laboratório de Música, que é uma banda que eu não conhecia, chamada Rivera (*banda cearense formada em 2012*), que falei, “nossa, é incrível como parece!”. O som parece com o som que eu fazia, que eu faço. Eu digo: “Fazia...” Parece até que não faço mais. Mas tem muito a ver, a música com refrão, a música pop com refrão, com uma letra mais trabalhada. Então, me identifico muito com essa vontade das pessoas de mostrar seus trabalhos.

Aline – Mona, para encerrar... Esta revista, a gente escolheu fazer toda com mulheres, é uma edição bem especial que só vai ter mulheres. Sobre isso, eu quero perguntar se você enfrentou alguma dificuldade, algum preconceito na carreira por ser mulher, por ser mulher que canta *rock*, mulher independente que foi atrás do sonho de cantar e mudou de cidade. Aconteceu alguma coisa do tipo?

Mona – Sim, com certeza. Eu sempre fui uma pessoa muito sonhadora e acho que às vezes eu nem percebia o preconceito, às vezes a gente nem percebe. No próprio Miden, quando eu participei lá, eu e a Maira, duas mulheres nordestinas ali, ousadas, levando disco de vários artistas e apresentando ali, eu percebi. A gente sempre percebe, depois que passa é que a gente percebe. Umhas atitudes, que a gente falava: “Ah, ali era preconceito e eu nem tinha sacado” O preconceito ele é muito... O preconceito ele tem essa forma cruel, ele é sutil, você não saca. Você saca só depois, você fala: “Ah... Aquilo ali eu nem sacava...” Então, teve sim, mas a gente sempre enfrentou, a gente enfrenta. Acho que as mulheres enfrentam isso com muita garra, com muita paixão. E nós, mulheres, eu sempre digo: “A gente tem de ser muito melhor, o tempo todo em tudo” (*silêncio*)

Até hoje é um negócio impressionante, a gente tem de ser ótima. Uma vez eu vi um depoimento incrível de um, não vou lembrar o nome dele agora, de um dramaturgo sur-

gado no morro, lá do Rio (*de Janeiro*), acho que ele era do “Nós do morro” (*grupo teatral carioca*) e ele falava assim: “Por eu ser negro, por eu morar no morro e me tornar dramaturgo, eu lia todo dia uma peça de teatro no meu transporte. Eu lia, porque tinha de ler tudo, porque tinha de ser melhor em tudo”.

Você vê que, quando você fala nos grandes compositores, as pessoas não citam muito as mulheres, as grandes compositoras. E têm grandes compositoras que não são muito citadas. É engraçado isso. Por que existe “Literatura Feminina”? Separam a Literatura Feminina. E o resto, como é? Literatura Feminina e... Ficam separando muito, por causa dessas questões.

E é incrível como a questão do machismo e do feminismo voltou de novo à ordem do dia. Eu que nasci nos anos 60 e achava que estava vivendo em um mundo cada vez mais progressista, estou pasma, horrorizada, com a onda conservadora que vem tomando de conta do mundo. Nunca pensei que ia viver essa época.

*** Nomes citados por Mona durante a entrevista**

Ricardo Augusto Rocha – Músico e compositor cearense. Fez parceria com Mona Gadelha na faixa “James Dean”, presente no CD *Cidade Blues Rock nas Ruas*.

Bo Diddley – Nascido em 1928, foi um influente cantor, compositor e guitarrista de blues norte-americano.

Siegbert Franklin – Artista plástico e ilustrador fortalezense, falecido.

Alceu Valença – Cantor e compositor pernambucano.

Simone – Simone Bittencourt de Oliveira. Cantora nascida na Bahia em 1949, conhecida simplesmente por Simone.

Janis Joplin – Cantora e compositora norte-americana, considerada por importantes publicações como “A rainha do Rock and Roll”. Falecida.

Beatles – Icônico grupo britânico formado por John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr e George Harrison. Fizeram um estrondoso sucesso desde a década de 1960.

Martinho da Vila – Cantor, compositor e

O processo de decupagem foi longo, apesar de ser dividido em tempos iguais para a dupla da produção: tanto Caio como Diego ficaram cada um com uma hora e seis minutos de decupagem.

O trabalho de edição final desta entrevista se deu através de animada e trabalhosa conferência online realizada pela equipe de produção.

O clima de parceria e amizade entre Caio e Diego permaneceu firme em todos os processos de desenvolvimento da entrevista com Mona, algo que contribuiu para a fluidez no trabalho de ambos.

músico carioca.

Jerry Adriani – Cantor paulista que iniciou a carreira na TV Tupi de São Paulo como vocalista do conjunto “Os Rebeldes”.

Wanderley Cardoso – Artista paulista que ao longo da carreira gravou mais de 900 músicas e vendeu cerca de 16 milhões de cópias de seus 84 discos.

Roberto Carlos – Cantor, compositor e empresário capixaba, um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira.

Bob Dylan – Compositor, cantor, pintor, ator e escritor norte-americano. Influenciou diretamente grandes nomes do *rock* americano e britânico dos anos de 1960 e 1970.

John Lennon – Foi um músico, guitarrista, cantor, compositor, escritor e ativista britânico. Um dos fundadores da banda britânica The Beatles. Falecido.

Belchior – Cantor e compositor cearense, um dos primeiros cantores de MPB do Nordeste brasileiro a fazer sucesso nacional, em meados da década de 1970.

Patti Smith – Poetisa, cantora e musicista norte-americana. Tornou-se proeminente durante o movimento *punk* com seu álbum de estreia, *Horses*, em 1975.

Geração Beat – Termo usado tanto para descrever um grupo de norte-americanos, principalmente escritores e poetas, que vieram a se tornar conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960, quanto ao fenômeno cultural que eles inspiraram, a contracultura.

Ataulfo Alves – Foi um compositor e cantor de samba mineiro.

Maysa – Foi uma cantora, compositora e atriz brasileira.

Floriano Martins – Poeta, editor, ensaísta e tradutor fortalezense.

Lúcio Ricardo – Surgiu na cena musical cearense no final da década de 1970. Participou do histórico evento multimídia *Massafeira*, no Theatro José de Alencar. Na época, era líder da banda Perfume Azul.

Nirton Venâncio – Além de escritor, é roteirista e diretor de filmes cearense.

Augusto Pontes – Foi filósofo, compositor, publicitário e secretário de Cultura do Ceará. Também participou do importante evento *Massafeira*, em 1979.

Robert Plant – Músico, cantor e compositor britânico mais conhecido por seu trabalho como vocalista da banda de rock Led Zeppelin.

Led Zeppelin – Foi uma banda britânica de *rock*, formada em Londres em setembro de 1968, cuja formação consistia no guitarrista Jimmy Page, o vocalista Robert Plant, o baixista e tecladista John Paul Jones e o baterista John Bonham.

James Dean – Ator norte-americano considerado um ícone cultural, como a melhor personificação da rebeldia e angústias próprias da juventude da década de 1950.

D’Alva Stella – Solista, regente, compositora e arranjadora cearense, membro da Academia Cearense de Música.

Caetano Veloso – Músico, produtor, arranjador e escritor baiano.

Ednardo – Cantor e compositor cearense, idealizador da famosa canção “Pavão Misterioso”.

Téti – Nascida em Quixadá (CE), foi integrante do movimento musical denominado “Pessoal do Ceará”, na década de 1970, além de ter sido a voz feminina do importante álbum *Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem*.

Rodger – Cantor, compositor, professor de Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), ator de teatro e de cinema, radialista e roteirista.

Petrúcio Maia – Tornou-se um dos principais protagonistas do cenário musical formado no Ceará nos anos 1960 e 1970, gestado a partir dos espaços universitários, teatros, bares e da TV Ceará, canal 2. Deixou poucos discos-solo, mas de grande relevância para a cultura do Estado. Falecido.

Stélio Valle – Além de músico, era formado em Administração de Empresas. Foi parceiro de compositores como Alano Freitas, Chico Pio, Fausto Nilo e Francis Vale. Gravou os discos-solo *Brilho* (1979) e *Ser feliz* (1999).

Ângela Linhares – Participou do histórico evento *Massafeira Livre*, em 1979, e possui várias composições inéditas. Antes do *Massafeira*, fazia parte do Grupo Raízes, que lançou dois LPs, onde a artista participou como compositora e integrante do grupo.

Ana Fonteles – Piauiense de Parnaíba, fez-se cantora no Ceará, onde chegou ainda na década de 1970. Além de ter participado do *Massafeira*, sua reconhecida versatilidade musical a levou a gravar participações em discos de Petrúcio Maia, Stélio do Valle e Alano e Francis Valle.

Muddy Watter – Foi um músico de *blues* norte-americano, considerado o pai do Chicago blues.

John Hooker – Foi um influente cantor e guitarrista de blues norte-americano, nascido no condado de Coahoma, no Mississippi.

Mino – Cartunista, ilustrador, artista plástico e escritor cearense. Trabalhou em agências de publicidade, participou de diversos salões de humor nacionais e internacionais. Como cartunista, é criador do super-herói cearense Capitão Rapadura. Ilustrou o livro *Contagem Regressiva*, de Mona Gadelha.

Mona fez parte da coordenação de produção da inauguração do CUCA Barra do Ceará, em setembro de 2009, o que também lhe fez volver mais seu olhar sobre a juventude de Fortaleza.

Billy Wilder – Foi um realizador de cinema norte-americano. A carreira de roteirista, cineasta e produtor estendeu-se por mais de 50 anos em mais de 60 filmes.

Norma Desmond – Personagem vivida pela atriz Gloria Swanson no filme *Crepúsculo dos Deuses* (*Sunset Boulevard*), de 1950.

Zygmunt Bauman – Premiada sociólogo polaco, autor do importante livro *Modernidade Líquida*. É professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Adísia Sá – É radialista, apresentadora de televisão, escritora, professora e jornalista cearense, fundadora do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Clarice Lispector – Foi uma premiada escritora e jornalista nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira, autora de romances, contos e ensaios.

Fernando Pessoa – Foi um poeta, escritor, astrólogo, crítico e tradutor português.

José de Alencar – Foi um escritor e político cearense, fundador do romance de temática nacional.

Gilmar de Carvalho – Graduado em Direito e Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é também autor, organizador e co-autor de mais de trinta livros, possuindo artigos publicados pelas principais revistas acadêmicas brasileiras e algumas do exterior.

Ângela Borges – Renomada publicitária cearense, trabalhou como repórter do jornal *O Povo* na década de 1970. Também foi coordenadora de imprensa do Governo do Estado do Ceará na gestão Ciro Gomes. Falecida.

Ricardo Bezerra – Arquiteto e músico que, a partir da convivência com o Pessoal do Ceará, na década de 1970, fez parceria com Fausto Nilo, Augusto Pontes, Rodger Rogério e Petrúcio Maia. É compositor de vários discos.

Jorge Hélder – Cearense instalado no Rio de Janeiro há três décadas, o baixista conseguiu um lugar de destaque na música brasileira popular ou erudita, fruto principalmente de sua parceria com artistas como Maria Bethânia e Sandra de Sá.

Luís Sérgio Santos – É bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde ainda ministra aulas. Assumiu importantes cargos nos principais veículos de comunicação do Ceará, além de ter ganhado o Prêmio Esso, em 1979.

Isabel Pinheiro – Jornalista, tendo passado pelos principais veículos de comunicação do Ceará, sendo também assessora

da então Fundação da Ação Social, hoje Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social.

Literatura Beat – Produção literária proveniente do movimento Geração Beat.

Jack Kerouac – Escritor norte-americano. Um dos expoentes da Geração Beat, tendo escrito o clássico *On The Road* (1957).

Allen Ginsberg – Foi um poeta americano da Geração Beat, mais conhecido pelo livro de poesia *Howl* (1956).

Carlos Drummond de Andrade – Foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX.

Arrigo Barnabé – Músico e ator brasileiro cujo reconhecimento para o grande público veio logo com o primeiro disco, *Clara Crocodilo* (1980).

Aquiles Reis – Cantor do grupo MPB-4 e escritor. Em 2004, lançou o livro *O Gogó de Aquiles*, pela Editora Girafa. Assina colunas semanais nas publicações *Meio Norte*, de Teresina, e *Jornal da Cidade*, de Poços de Caldas, e no sítio oficial do MPB-4.

Nonato Albuquerque – Radialista, jornalista e apresentador de televisão cearense.

Roberto Duailibi – Considerado um dos principais publicitários brasileiros. Fundador da agência DPZ&T, agência de publicidade paulista.

Maira Sales – Produtora cultural. Juntamente com Mona Gadelha, fundou a *Brazil-bizz Music*.

Mansueto Barbosa – Comunicador cearense fundador da Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACERT).

Isaac Cândido – Músico, cantor e compositor e produtor cultural. Primo do cantor e compositor Fagner.

Lily Alcalay – De cidadania venezuelana, morou em vários países até fixar residência em Fortaleza, onde cantava na noite. Foi vocalista da banda *Marajazz* e em 2002 gravou o primeiro e único CD – que teve como título seu nome – já que viria a falecer no ano seguinte.

Bete Jaguaribe – Diretora da Escola Portoracema das Artes

A cantora também chegou a se apresentar em várias unidades do Sesc, em 2008, com o espetáculo "O Dom do Ciúme, Uma Interpretação Musical de Dom Casimiro, de Machado de Assis". O show lembrava o centenário de morte de Machado.

Uma semana após a entrevista, Mona Gadelha postou uma foto com toda a equipe de produção na página dela no facebook com o agradecimento: "Obrigada, queridos!"